

**INOVA**

Working Paper  
# 612

2017

# Elogios e Memórias de economistas – e não só

## Parte 1: depois da crise

---

**Jorge Braga de Macedo**

**NOVA**  
School  
of Business  
& Economics

Shaping  
powerful  
minds

Accredited by:



Member of:



## **Elogios e Memórias de economistas – e não só**

### **Parte 1: depois da crise**

Jorge Braga de Macedo

*ACL; Académie Royale de Belgique; Center for International Governance Innovation;  
CG&G; National Bureau of Economic Research*

#### **Resumo**

Apesar da sua diversidade, as dezoito personalidades evocadas, debaixo do mesmo título, nos *Working Papers* nº 612 and 613, influenciaram as actividades do Centro Globalização e Governança da Nova SBE (CG&G). Além disso, as perspectivas expressas são consistentes com a Carta à Rainha Lusófona, projeto da Academia das Ciências de Lisboa (ACL), relatado no *Working Paper* nº 611. Os textos, divididos pela crise de 2008, que motivou a Carta, são apresentados por ordem cronológica inversa. Os títulos originais dos já publicados, denotados por \*, vêm reproduzidos em notas de rodapé, numeradas consecutivamente em cada uma das duas partes.

Após a introdução comum e o índice dos nomes, a parte 1 começa pela homenagem à memória de Miguel Beza, amigo querido e discípulo dileto de quem me deixou participar na grande aventura da Nova Economia. Seguem-se elogios a três confrades da ACL e memórias de outros dois. A parte 1 termina com duas homenagens a chefes que tive nos anos 1970, um militar de Abril e um orientador da minha tese de doutoramento - que se tornou também um grande colecionador de arte. De notar que três dos economistas referidos se doutorou no MIT nos anos 1970 e nasceram em países da Zona Euro.

## **Eulogies and Memories – mostly of economists**

### **Part 1 after the crisis**

#### **Abstract**

In spite of their diversity, the eighteen personalities evoked, under the same title, in *Working Papers* nº 612 and 613 influenced the activities of the Center for Globalization and Governance at Nova SBE (CG&G). Moreover, the perspectives expressed are consistent with the Letter to Queen Lusophonia project, described in *Working Paper* nº 611. The texts, divided by the 2008 crisis, which motivated the Letter, are listed in reverse chronological order across the two papers. Already published texts are starred and the original title is in footnotes, numbered consecutively throughout the paper.

After a common introduction and the list of names, part 1 begins with a tribute to the passing of Miguel Beza, a dear friend with whom I shared a newspaper column he called “The invisible Hand” and also followed as Minister of Finance. As the favorite student of Alfredo de Sousa, he preceded me in the great adventure of Nova Economics. Three eulogies to fellows of the Lisbon Academy of Science and memories of two others follow, without erudite annexes available on my homepage. In *Nova Cidadania* and *Working Paper* # 577 in this series, I evoked the two previous deans of ACL’s economics section, Manuel Jacinto Nunes and António Manuel Pinto Barbosa. Part 1 closes with tributes to two chiefs in the 1970s, one in the military and the other my thesis adviser, who would later become a great art collector. As it turns out, three of the economics graduated from MIT and were born in countries of the euro zone.

## Introdução

Os *Working Papers* nº 612 e 613 têm o mesmo título e divulgam trabalhos decorrentes de atividades do Centro Globalização e Governança da Nova SBE, numa perspetiva consistente com a da Carta à Rainha Lusófona publicada no *Working Paper* nº 611. Fundado em Abril de 1992, por acordo entre o Ministério das Finanças e a Universidade Nova de Lisboa, para estudar as reformas estruturais portuguesas, o Centro mudou de nome em Março de 2008 e estabeleceu logo com a Academia das Ciências de Lisboa e o Instituto de Investigação Científica Tropical (instituições para as quais entrei em 1997 e 1986 respetivamente) um protocolo visando promover a lusofonia global.

Apesar do predomínio económico, os dezoito textos, apresentados por ordem cronológica inversa, refletem a natureza interdisciplinar, e mesmo espiritual, julgada essencial para tornar perceptível em inglês a diversidade da lusofonia no espaço e no tempo. Onze são inéditos. Os títulos originais dos restantes, denotados por \*, vêm reproduzidos em notas de rodapé, numeradas consecutivamente em cada um dos dois *Working Papers*.

São memórias a um conjunto diversificado de personalidades, sobretudo de economistas, divididas por conveniência em duas partes, antes e depois da crise de 2008, que tanto afetou a perceção da profissão. À sua maneira, aquelas personalidades contribuíram para modular a perspetiva lusófona global utilizada por último no *Working Paper* nº 611.

Dos oito textos da parte 1, sete são inéditos. Depois de lembrar um companheiro de muitas andanças que partiu subitamente, mesmo antes de iniciarmos outro projeto, reproduzo elogios a três confrades da Academia de Ciências de Lisboa, o primeiro dos quais em inglês, coisa rara e nunca vista. Seguem-se memórias inéditas de outros dois, sem anexos eruditos que se podem consultar na minha página pessoal. Em *Nova Cidania*, nº 54, Outono-Inverno 2014, pp. 51-56 e *Working Paper* # 577-2013 desta série, evoquei os dois anteriores decanos da seção de economia, Manuel Jacinto Nunes (1926-2014) e António Manuel Pinto Barbosa (1917-2006), respetivamente como “cidadão economista” e “economista e governante”.

A parte 1 termina com duas homenagens a chefes, o militar em Abril de 1974 e o orientador principal da minha tese de doutoramento - que se tornou também um grande colecionador de arte. De notar que três dos economistas referidos se doutorou no MIT nos anos 1970 e nasceram em países da Zona Euro.

Os dez textos da parte 2 começam com o elogio ao anterior Presidente do NBER, rede de economistas americana à qual pertenço desde que me doutorei em 1979, que ficou célebre por alertar em 1992 para o perigo do Euro. Seguem-se memórias de cinco economistas profissionais e da fundadora dos focolares, parabéns a um padre jesuíta pelo seu 70º aniversário e o tributo a um empresário lusófono global que cruzou a minha vida há cinquenta anos.

O último texto é o único que trata de alguém que não conheci pessoalmente e que inclui resumo próprio. Reproduz, em formato mais legível, o prefácio à tradução portuguesa do segundo volume das memórias de um embaixador japonês que morreu na sua terra natal em 1975.

Foi nesse ano que, na sala dos passos perdidos, Alfredo de Sousa me desafiou para o que viria a ser a grande aventura da Nova Economia, que partilhei com Miguel Beleza, seu discípulo dileto que evoco no primeiro texto. Evoquei o mestre enquanto “economista constituinte” no vigésimo aniversário da sua morte, num texto anexo a *Alfredo de Sousa Evolução Recente da Economia Portuguesa 1945-1985 Estudos inéditos*, no prelo.

## Índice

1.	<b>Miguel Beleza (1950-2017), Modelo português da Nova Economia</b>	4
2.	<b>Olivier Blanchard, an introduction ten years after</b> 8 de Maio de 2017	16
3.	<b>José Luís Cardoso, Pensador (e gestor) de economistas</b> - Resposta 28 de Maio de 2015	23
4.	<b>Paulo de Pitta e Cunha, Economista sem quartel</b> Resposta 24 de Novembro de 2014	32
5.	<b>José da Silva Lopes (1932-2015), Em memória do confrade relutante</b>	38
6.	<b>Jean-Pierre Contzen (1935-2015), Sábio global, militante europeu, combatente belga, nosso confrade</b>	44
7.	<b>Gabriel Espirito Santo (1935-2014)*</b>	48
8.	<b>Pentti Kouri (1949-2009), Economista colecionador</b>	50

## Parte 2

### **The Bureau's contribution to international economic research: a tribute to Martin Feldstein**

**Chiara Lubich (1920-2008), Alegria Chiara**

**Nuno Burguete (1932-2006)\***

**William Branson (1938-2006)\***

**John Kenneth Galbraith (1908-2006)\***

**James Tobin (1918-2002), In memory of the economist and  
*honnête home***

**Alfredo de Sousa (1931-94)\***

**Carlos Diaz-Alejandro (1937-85)\***

**Carlos Mantero (1895-1980), Evocação do Homem de acção global**

**Morito Morishima (1896-1975)\***

## Miguel Beleza (1950-2017)

### Modelo Português da Nova Economia<sup>1</sup>

#### Introdução

Tantos foram os projetos em que colaborámos ao longo de um convívio pessoal, profissional e político de décadas que importa revelar logo a perspetiva. É o que o título pretende fazer: Mais do que qualquer outro economista da geração dita do “baby boom”, Miguel Beleza personificou o repensar da macroeconomia que se seguiu ao grande debate entre keynesianos e monetaristas no que toca aos efeitos da política económica anti-cíclica sobre o equilíbrio interno e externo. Fê-lo recorrendo a intuições enquadradas num “modelo da pequena economia aberta” de origem anglo-escandinava.

Porém, o título pretende sobretudo refletir a sua lealdade a Alfredo de Sousa (1931-94), fundador da Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa que, tal como o seu discípulo dileto, partiu sexagenário. Assim se transformou no “modelo”, quase no “poster boy”, do ensino e investigação que concretizámos em Portugal desde 1976. Mais, o seu afastamento de um e de outra contribuiu para validar o modelo!

#### A turma do MIT e o sonho de Sousa

---

<sup>1</sup> Como o título indicia e se explicita a seguir, o texto evoca a minha ligação pessoal, profissional e política e alude de passagem à ligação familiar, que também foi muito relevante mas julguei dever concentrar nesta nota porque quero dedicar este texto à viúva e outras mulheres que o marcaram. Para além do pai, que cito no texto, e me lembro de cumprimentar na tomada de posse do filho, conheci a mãe severa e fiquei amigo das irmãs, que ainda trato por Meni, Tareca e Bébé, além de ter acompanhado o doutoramento de Francisco Queiró (filho da mais nova e de filho de outro mestre de Coimbra) que voltou de Harvard para a Nova há menos de um ano. Do mesmo modo, a diferença de idade e formação com o irmão não impediu familiaridade no trato. Tendo casado no ano em que ele se formou, a proximidade mútua que sentíamos, até com minha sogra, firmou-se quando nos convidou para sermos padrinhos do seu casamento com Isabel, arquiteta chilena que o acompanhou no regresso à pátria e por isso entrou no “circle of trust” quando ainda só havia a casa dos sogros da Praia das Maças. É a localidade à qual aludem duas crónicas da coluna que mantivemos nos anos 1980: “Saloio irmão” (27 Abril 85), escrito pouco depois de lá comprar casa e “Medo de casar” (1 de Março 1986, escrita por ambos como se refere no texto): “Mas uma jovem texana, enlevada com retratos de criança na Praia das Maças, afirmou, perentória: não há que ter medo, o altar é o caminho! E acabou a festa.” Tratava-se de um jantar em Kirkwood Drive (Bethesda, Md.) cozinhado por Mila Freire onde também estava Eduardo Costa e sua futura mulher. Nesse espírito, queria dedicar este texto a Sofia Beleza, que conhecemos no casamento de Fátima Roque e logo nos sentimos à vontade. Testada a meu pedido por Manuel Sebastião, ela foi incansável na marcação da entrevista sobre ensino da nova economia para 21 de junho (também referida no texto) que Miguel aceitou com entusiasmo, extensível ao local que era a Academia das Ciências de Lisboa. Também foi Sofia que me deu conta do sucedido na manhã de 23. Neste mesmo registo familiar, evoco no fim do texto a terra onde nasceu a mãe que perdi antes de tempo.

Desde uma pequena nota manuscrita que Bob Hall distribuiu no Verão de 1976 aos alunos do primeiro ano do MIT, equiparam-se os economistas a marinheiros, sendo os monetaristas de água doce e os keynesianos de água salgada. Esquecida com a grande moderação dos anos 1980, a distinção voltou com toda a força depois da crise financeira de 2008 e Paul Krugman divulgou no seu blogue o texto do antigo assistente e não se cansa de apelar para o uso dos modelos simples popularizados por Rudi Dornbusch (1942-2002), orientador de Miguel Beza.

No mês passado, Olivier Blanchard, contemporâneo no MIT que foi depois para Harvard, recordou Dornbusch para se insurgir contra discussões metodológicas e logo de seguida embarcou numa classificação de cinco tipos de modelo, um dos quais são o “brinquedos” (viera receber o diploma de sócio da Academia das Ciências). Mas Carlos Diaz-Alejandro (1937-1985), cubano doutorado no MIT de que fui aluno em Yale, e morreu professor em Columbia com ofertas de Harvard e Princeton, permite voltar ao século passado e alargar à América latina tão presente naquela turma. É que Carlos aliava análise e história económicas, apresentadas com uma elegância proverbial: rigor e graça, «tanto maior quanto mais sábia a ideia e vice-versa, como ouvi dizer na impossivelmente emocional missa por sua alma em 1985 e apetece repetir relativamente aquele que foi o “modelo português” da Nova Economia.

De novo, o título desta homenagem salienta o contributo para criar uma escola de economia aberta a um mundo onde impera o inglês sem esquecer as problemáticas dos países de língua portuguesa, aquilo a que poderia chamar o sonho de Sousa, sugerido num livro com José Luís Cardoso, Maria Eugénia Mata e Manuel Gonçalves, a sair na Imprensa das Ciências Sociais. Não por acaso, a última publicação do mestre na *Análise Social* foi revista pelo discípulo. Ele que, no 10º aniversário, comemorado na presença do Presidente da República, verbalizou as saudades do anfiteatro inteiro.

A amizade pessoal cedo se tornou familiar e assim ficou - até ao fim. Tivemos oportunidade de colaborar em temas de economia monetária internacional, nossa especialização comum, mas também na assistência técnica a pequenas economias abertas em vários estádios de desenvolvimento e na avaliação das políticas económicas respetivas. Além da colaboração universitária, servimos sucessivamente o mesmo Primeiro-ministro, Aníbal Cavaco Silva, que marcou presença na posse de Governador do Banco de Portugal.

Claro que neste texto mal posso levantar o véu sobre a dimensão político-mediática da nossa amizade, até por ter ocorrido no meio da tragédia do Monte dos Frades, que tanta solidariedade lhe mereceu, por razões familiares partilhadas.

### **Antecedentes e Primórdios**

Conheci Miguel Beza em casa de seus pais, nas Avenidas Novas – que, para alguém nascido e criado em Santa Isabel, pertenciam a uma freguesia distante. Por intermédio da irmã mais velha, já sabia que ele queria doutorar-se em economia nos Estados

Unidos e também era esse o meu desejo, com clara preferência pela costa Leste, que percorrera no Verão de 1969, de Boston para Washington e depois New York, com *up state* de permeio. O amor à primeira vista pela economia aproximou-nos logo, e permaneceu ao longo de toda a nossa vida. Através da intuição e do raciocínio, pensando depressa e devagar, escrevendo ainda mais devagar, falando mais ou menos abertamente de concordâncias e discordâncias, pontuando e despontuando frases mais ou menos inteligíveis, nunca tivemos medo do silêncio mútuo.

Havia uma complementaridade curiosa nos nossos antecedentes, meu avô paterno dera aulas no Instituto Superior de Comércio, depois ISCEF, cujo primeiro ano meu pai frequentara depois de se licenciar em Histórico-Filosóficas. Recebi os rudimentos da economia política na Faculdade de Direito de João Lumbrakes (1905-1975), colega do avô dele em Coimbra e professor do pai, que lá se doutorou com uma tese taciturna sobre teoria do juro e integrou a equipa de António Manuel Pinto Barbosa (1917-2006) no Ministério das Finanças.

Foi nessa altura que comecei a preparar uma pós graduação. Graças à Comissão Cultural Luso-Americana, fui aceite em Columbia e Yale, as duas universidades que escolhera por causa da proximidade da “Grande Maçã”. Optei prudentemente pela proximidade relativa e não absoluta, chegando a New Haven no Verão de 1971. Ele formou-se no ano seguinte e foi para o MIT durante a era dourada de Rudi Dornbusch e Stan Fisher, atual vice presidente do Sistema de Reserva Federal. Durante a agitada década, encontrávamo-nos em Cambridge, Lisboa e New Haven, onde também estava Manuel Pinto Barbosa, de modo que, antes ainda de conhecer pessoalmente Alfredo de Sousa, já sabia quem iria refrescar a nova economia em Portugal.

Mal regressei do serviço militar em Angola em finais de 1975, Sousa convocou-me para me oferecer regências nas Universidades Católica e Nova. Tal a osmose da época que entrevistei o “grupo do MIT” para a revista *Nação e Defesa* e Miguel Beza fez parte do júri de equivalência da minha tese de doutoramento em 1979.

### **Velha Academia e Nova Economia**

Agregado pela Universidade de Paris em 1969, Alfredo de Sousa fizera a difícil transumância para um ISCEF cada vez mais arredado da revolução keynesiana que havia divulgado a partir dos anos 1940, graças à benevolência do seu influente diretor Moisés Amzalak (1892-1978), que conhecera pessoalmente Keynes, e ao labor de Pinto Barbosa e Jacinto Nunes (1926-2014).

Com três outros da Faculdade, três do ISEG e um de Coimbra, co-organizou o livro de homenagem ao primeiro, cujo título *Nova Economia em Portugal* (730 páginas publicado em 1989 pela UNL) inspirou o desta evocação. Adaptou o segundo ensaio da tese de doutoramento no MIT, enaltecendo os “teachings and traditions” que recebia do homenageado na universidade e no banco central e comentários meus e de Pedro Aspe, colega de turma que veio a ser Ministro das Finanças no México. Acrescenta que

aqueles ensinamentos se tornam ainda mais relevantes quando a política monetária portuguesa “will have to confront the relentless integration of financial markets against the background of quasi-fixed exchange rates”. Dos três organizadores vivos, só eu mantenho a filiação, já que Jaime Reis migrou pouco depois para a ULisboa, onde se mantém Vitor Constâncio (único que organizou sem contribuir e ao qual voltaremos). Recordo a resistência de Francisco Pereira de Moura (1925-98) ao título que só a energia do fundador conseguiu superar, até porque se tratava de “retratar as múltiplas facetas do interesse do homenageado, da economia portuguesa ao método, da fiscalidade aos bancos, da economia pública à economia internacional, doseando sempre com habilidade as abordagens analíticas e históricas”.

Relativamente ao segundo homenageado, inclui um trabalho teórico em co-autoria com Vitor Gaspar e Maximiano Pinheiro, inspirado nos trabalhos de Paul Krugman sobre bandas de flutuação cambial, que contrasta com a abordagem empírica anterior. Na dedicatória, elogiam o desenho e a execução do pacote de estabilização que incluía política monetária restritiva e uma desvalorização deslizante, dita “crawling peg”, tendo transformado em menos de dois anos “uma crise de pagamentos iminente numa posição externa saudável”. Como era costume naquela literatura, a credibilidade mede-se pelo aumento das taxas de juro ditado pela expectativa de desvalorização cambial, considerando substitutos perfeitos os ativos internos e externos. A simulação dos efeitos devastadores da perda da credibilidade de uma paridade fixa terá contribuído para a aversão ao realinhamento da paridade do escudo durante a crise do mecanismo cambial do Sistema Monetário Europeu em 1992-93, sem prejuízo de manter alguma flexibilidade dentro da banda. Ou seja, atento à assimetria com a peseta, o escudo não usou a banda larguíssima criada no verão de 1993, mas soube aplicar com sucesso o princípio de “float in order to fix” que marcaria as minhas próprias contribuições, inspiradas em Pentti Kouri (1949-2009), outro contemporâneo de Blanchard, Beleza e Krugman no MIT.

No *Simpósio de Estudos Keynesianos* que o Instituto de Altos Estudos da Academia promoveu em 1977, participaram ainda Soares Martinez, Paulo de Pitta e Cunha e Silva Lopes (1932-2015), que seria outra influência determinante por ter encomendado ao “grupo do MIT”, através do Banco de Portugal, um modelo keynesiano da economia portuguesa, no qual trabalhou ao lado de Andy Abel, Jeff Frankel, Ray Hill e Krugman, este último também sócio da Academia (eleito ao mesmo tempo que Blanchard mas recebido cinco anos antes).

Outro exemplo do papel agregador do Instituto de Altos Estudos durante a presidência de Pinto Barbosa é o *Colóquio sobre Portugal e a Paz*, realizado em 1989, onde coube a Alfredo de Sousa comentar o artigo de Jacinto Nunes, então presidente da classe de Letras, sobre a inerência e os custos da guerra, concluindo com uma rajada de perguntas: “será a violência parte constitutiva da nossa psicologia inata? Não será a guerra o jogo, quase diria o divertimento supremo dos homens? Esta é uma pergunta



angustiante que pode ter uma resposta dramática. Como economista não sei encontrá-la. Só posso pedir a Deus que ela seja negativa. Termino, assim, colocando em claro a mesma dúvida implícita com que terminou o nosso estimado Presidente” (p.142).

Respiguei esta troca de impressões entre Alfredo de Sousa e Jacinto Nunes porque me lembrou a missão que acordámos nas nossas últimas conversas, e que tentarei levar a cabo. Tratava-se de encontrar um estudioso do pensamento económico vindo da Universidade de Coimbra. A escolha do local, considerado mais prático do que a nossa Faculdade superlotada, deu azo a que ele me perguntasse, com a ironia costumeira, se tinha dignidade para ser sócio. Iniciadas em Abril, essas entrevistas sobre o ensino da macroeconomia em Portugal nos últimos cinquenta anos deviam envolver toda a coorte fundadora, normalmente associada à coluna tendencialmente quinzenal a que ele chamou “A Mão Invisível”. Fatidicamente, o encontro foi adiado de 21 de Junho para 3 de Julho por impedimento superveniente do entrevistador!

### **A Mão Invisível**

Estreou “A Mão Invisível” em 26 de Novembro de 1983 no nº1 do *Semanário* e foi o primeiro a abandonar no ano seguinte quando rumou para o FMI embora ainda tivéssemos escrito “Medo de casar” a 1 de Março de 1986 que só eu assinei. Escrevi o artigo no nº2, seguindo-se António Pinto Barbosa, António Borges, Diogo Lucena e Manuel Pinto Barbosa, três licenciados pelo ISCEF e um pelo IST. Este, que foi o primeiro licenciado pelo ISCEF a zarpar para Yale (João Cravinho, outro engenheiro, que intermediou a vinda do grupo do MIT, passara lá 1966/67 por conta do Minsitério das Finanças) e escreveu um único artigo, a que chamou “Em defesa de um escudo visível”.

Ao contrário, o gémeo, doutorado no *Virginia Tech*, e os dois doutores da costa Oeste contribuíram regularmente, tendo-se juntado uma segunda leva a partir do nº 141, com Luís Cunha e outros, que já foram nossos alunos ou quase, partilhando a visão de Alfredo de Sousa: atravessar o Atlântico para estudar economia, que implicava ir até ao Pacífico, como ele próprio fez quando passou um ano sabático em Stanford já nos anos 1980. Assim o contingente iniciado em 1972, quando José António Girão, engenheiro agrónomo, se doutorou na Universidade de Cornell, inclui outro graduado do ISA, Fernando Brito Soares e Mila Freire (contemporânea de Miguel já citada pelos seus dotes culinários), que se doutoraram em Berkeley e ainda Abel Mateus, que foi para Penn, Manuel Sebastião, que, tal como o mestre, foi primeiro para Paris.

Saliento “A Mão Invisível” entre as várias pertenças que partilhei com Miguel Beleza porque tinha passado uns dias na Biblioteca Nacional a recuperar artigos passados, e mostrei o seu primeiro texto, “Os Mitos do Orçamento”, na entrevista que dei a Paula Gonçalves Martins da TVI poucas horas depois de saber da sua morte pela telefonia, ao chegar ao Campus de Campolide no primeiro dia do Verão.

## **Missões tropicais e co-autorias**

Apontei no início para o desafio de criar uma escola de economia aberta a um mundo onde impera o inglês sem esquecer as problemáticas dos países de língua portuguesa, a que chamei o sonho de Alfredo de Sousa. Aí também colaborei com Miguel Beleza fui chamado a dirigir o Centro de Socio Economia do Instituto de Investigação Científica Tropical, nos termos de um protocolo que o fundador assinara em 1980 com o presidente da Junta de Investigações Científicas do Ultramar, membro da equipa governativa que o nomeara Reitor. Quando lhe agradei ter-se lembrado de mim, sorriu e respondeu: “não me agradeça, mais ninguém quis”. Ainda hoje me pergunto se Miguel Beleza teria sido abordado mas o certo é que, no discurso de posse para a presidência do Instituto, lembrei: “Ainda ontem, no Conselho Científico da Faculdade, os colegas me desejaram boa sorte em promover a ‘nova economia’ no IICT”. Admito que Miguel Beleza duvidasse que essa nova economia do desenvolvimento correspondesse ao seu modelo mas nem por isso deixou de me acompanhar em missões tropicais. Pode haver aí influência de Francisco Mantero, cascalense de gema que frequentava a Praia das Maças e criou a ELO – Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Económico e Cooperação, que este ano se integrou na CIP. A preparação teve lugar naquele Centro do IICT com o apoio das empresas exportadoras que a constituíram. Assim se pode dizer que a lusofonia global nasceu na ELO, como modelo de cooperação português que a sustentava. O espólio da Biblioteca Almada Negreiros inclui um relatório sobre a missão do Banco de Portugal e do Centro de Socio Economia a São Tomé e Príncipe em Novembro de 1987, com uma avaliação no início de 1988 por Manuel Sebastião. A criação da ELO alargou o “circle of trust” da Praia das Maças a mais portugueses vindos da costa leste: José Braz veio do FMI e foi de lá para a Secretaria de Estado do Tesouro, onde geriu as relações com o Banco de Portugal entre 1991 e 1993; José Freire Antunes (1954-2015), que morreu dois dias depois de fazer 60 anos, veio da Columbia e aplicou-se a divulgar mais este modelo.

Além dessas contribuições aproveitei uma meia sabática em 1988 para, juntamente com Manuel Sebastião e Miguel Beleza, produzir os *Nova Working Papers* nº 97 e 106 respetivamente. Aquele viria a ser apresentado na reunião anual da *European Economic Association* em Bolonha e publicado na respetiva *Review* em 1989. Este foi apresentado numa conferência realizada no Banco de Portugal por Silva Lopes e Beleza, tendo dado lugar a uma troca de galhardetes deste com Vitor Constâncio, que comentou o trabalho. Nesse volume, intitulado *Portugal and the Internal Market of the EEC*, também aparece um pequeno trabalho empírico sobre credibilidade, “Interest Differentials, Financial Integration and EMS Shadowing: A Note on Portugal with a Comparison to Spain”, escrito com Francisco Torres e complementar da homenagem já citada a Jacinto Nunes.

## **Política e conclusão**

Nos anos 1990, enquanto corríamos nas arribas da Praia Grande à Praia da Aguda, muitas vezes debatemos a prática que não a teoria, do juro. Ele preparou o quadro nacional de transição para a união monetária (QUANTUM) receando que ataques especulativos contra o escudo obrigassem à desvalorização cambial. Eu queria uma moeda convertível para que a moderação financeira andasse a par da salarial e chamei Q2 ao programa de convergência aprovado num dos primeiros conselhos de ministros realizado a seguir à eleições de 1991, que permitiu a entrada no mecanismo cambial do Sistema Monetário Europeu no ano seguinte. Ambos admirávamos o “Good Bye Financial Repression, Hello Financial Crash” de Carlos Diaz mas, depois de ter passado uns anos na Comissão Europeia eu acreditava mais nos mecanismos de vigilância europeus do que o FMI consideraria tolerável....

Ao conferir posse ao novo Governador em 4 de Abril de 1992, mesmo antes da adesão do escudo ao mecanismo cambial, lembrei a continuidade, “tradição que no Terreiro do paço e na Rua do Comércio muito se preza” precisando que fora procurada em três aspetos: “promoção de um administrador que já pertencia aos quadros do Banco até à representação máxima da instituição”; “aliança entre a unidade de excelência profissional e a diversidade das escolas de pensamento”; “reforço da componente jurídica no Conselho”.

Lembrei ainda que, “na negociação do Programa de Convergência Q2 com os serviços da Comissão, em Novembro e Dezembro passados, o Ministério foi representado pelo criador do Q1 – amavelmente cedido para o efeito pelo Banco onde tornara”.

No debate parlamentar de urgência na 2ª feira 7 de Abril, acrescentei que a decisão de entrar na banda larga do SME “não podia ter sido tomada mais cedo nem devia ser tomada mais tarde”, porque “um país em convergência e na Presidência não poder participar decisivamente numa eventual reunião de realinhamento seria contrário aos interesses de Portugal e da Comunidade”. Apelo para o sr Jourdain de Molière que fazia prosa sem o saber, disse ainda que “o escudo já andava na banda estreita há ano e meio. Tínhamos uma banda estreita escondida com taxas de juro de fora!” (*Política Económica Global Os primeiros seis meses*, Ministério das Finanças, Maio de 1992, pp. 395 ss).

## **Conclusão**

Ao reler estes textos estou a ver os sítios e as pessoas, e em especial o amigo com quem estudei na costa leste, que acompanhei nos anfiteatros, nos jornais e nos trópicos, vim render ao Terreiro do Paço e que foi vítima de um acidente dias antes de um reencontro promissor.

Sabendo como era sensível, e até que ponto aquele sentido do humor servia para recalcar as emoções, comprometo-me a contribuir para honrar a sua memória na Faculdade, no Banco e na Academia, em acordo com outros amigos chocados pela perda do discípulo dileto de Alfredo de Sousa.

E, sem querer, recordo o sino da capela do Ribeiro das Vinhas, perto de Galveias, terra ancestral da família de minha mãe: “A cada pancada tua/ Vibrante no céu aberto,/ Sinto mais longe o passado, /Sinto a saudade mais perto”<sup>2</sup>.

Praia das Mações, 25 de Junho de 2017

---

<sup>2</sup> Este texto preliminar, enviado aos familiares listados na nota 1, é agora distribuído a colegas e amigos.

## Anexo

Recebi vários comentários, que muito agradeço, ao texto que enviei à família no Domingo à noite e depois corriji como refere a nota da página anterior. Preservando a fonte, venho completar o mesmo com referências bibliográficas e outras explicitações que me escaparam, incluindo o mapa das contribuições para “A Mão Invisível” (MI), completado no dia do velório e que reproduzo a seguir, revisto e corrigido<sup>3</sup>.

No próprio dia do enterro, tive oportunidade de reiterar a homenagem e prometer empenho na memória por ocasião da reunião da seção de economia e finanças da Academia, na qual se avançou no projeto de refletir sobre o ensino da macroeconomia em português nos últimos cinquenta anos, e da reunião do Conselho Editorial da Revista *Nova Cidadania*.

No Conselho Nacional do PSD de 29 também disse umas palavras, acrescentando a dimensão que mais me marcou nas cerimónias da igreja do Campo Grande, talvez por terem sido conduzidas pelo Padre Feytor Pinto, que também encomendou a alma de meu pai, minha madrastra e tantos outros amigos: a convicção de que Miguel era crente.

É impossível explicar a primeira omissão, referente a um painel sobre a economia portuguesa que organizei na Conferência de David Wheeler na Universidade de New Hampshire, foi publicado na Revista *Economia* da Universidade Católica Portuguesa, numa altura que julgo ainda era o seu Secretário Executivo, inclui uma introdução minha, quatro dos membros do grupo do MIT, um trabalho meu em co-autoria com Paul Krugman (a quem dei a triste notícia e me mandou pêsames), comentado por Jeff Frankel, então em Berkeley, um trabalho de meu pai na única visita aos Estados Unidos e outro do atual decano da seção, comentado pelo seu atual confrade Krugman.

A circunstância de não ter estado presente só se pode considerar circunstância agravante, tanto mais que o trabalho foi comentado por Ray Hill, então meu colega em Princeton. Assim compungido, venho citar Manuel P. Barbosa e Luís Miguel Beleza, “External Disequilibrium in Portugal 1975-78”, *Economia*, Outubro 1979, pp. 487-507 onde encontro aliás eco da coluna nº 6 da MI.

Na peugada do escudo visível, ocorre mencionar outro trabalho de Beleza em coautoria com Andy Abel, da Penn, o quinto do grupo que, com a Luiza e o nosso filho

---

<sup>3</sup> Foram 123 colunas escritas por treze autores, por ordem alfabética das abreviaturas constantes do quadro no texto, são: ACBB (António Castel-Branco Borges); ANL (António Nogueira Leite), APB (António Pinto Barbosa); DL (Diogo Lucena); JAVS (Jorge Alberto Vasconcellos e Sá); JBM (Jorge Braga de Macedo); JPB (José Pedro Barosa); LCC (Luís Campos e Cunha); MB (Miguel Beleza); MCC (Maria do Carmo Seabra); MPB (Manuel Pinto Barbosa); VdO (Vasco d’Orey); VG (Vitor Gaspar). Como se vê no quadro, três autores asseguraram mais de metade das colunas, o mais prolixo fez uma em quatro e o mais duradouro escreveu entre a nº3 e nº 117. Por outro lado, fica claro que, posto que citados no texto, José António Girão, Maria Emília Freire, Fernando Brito Soares & Cia. não constam da lista de autores.

João recém nascido, esteve no casamento de Miguel em Fort Lauderdale, Fl.: “Input-output pricing in a Keynesian model as applied to Portugal”, *Journal of Development Economics*, Junho 1978, pp. 125-138.<sup>4</sup>

O texto também não faz qualquer alusão a uma questão, relevante para a teoria e prática da banca central, que se afigura ter pairado nos acontecimentos de Abril de 92: deve ou não a “economia real” (de que Miguel zombava dizendo que era republicano) ter representante próprio no *board* de um banco central? Conquanto algo melindrosa, não justificaria esta questão, apesar de tudo alguma referência, ainda que breve e inconclusiva, tanto mais que ela é remanescente de importantes episódios históricos de algum modo embebidos em similar problemática, Reagan/Volcker, Sr. Euro/BCE, etc?

Esta segunda omissão também é inexplicável porquanto logo em 1976 escrevi sobre a nossa Constituição, a convite de Jorge Miranda, pai da lusofonia constitucional, que o terá feito por causa da minha formação jurídica. Na verdade, escrevi sobre a constituição económica, fiscal e monetária e foi uma das motivações para envolver o Ministério das Finanças e a Universidade Nova nos estudos interdisciplinares comparados logo em 1992, tendo alargado o âmbito nas vésperas da crise de 2008. Tendo conseguido resistir à homocitação, “ondinha de prazer no grande lago mudo” de que falava a coluna do primeiro aniversário (MI nº 28, intitulada “Parabéns a você”) também é verdade que resisti à heterocitação de MI nº 64 quando me foi dado conhecer o prémio Nobel Charles Buchanan no fórum Alpbach (MI nº 91)...

Também pode ter passado despercebida a sua boa reputação de que Miguel gozou nas instituições financeiras internacionais, aspeto normalmente considerado pouco relevante para um político em Portugal e para um académico nos EUA. Ainda assim, quem o acompanhou no ECOFIN, na banca central europeia e no FMI diz que “falava pouco e com grande impacto”.

Pela minha parte, recorro relatos da sua estreia em Ashford Castle, durante o ECOFIN informal da Presidência irlandesa, ajudando a que as propostas do Bundesbank que insistiam no princípio de “um governador, um voto” para defender a independência do que viria a ser o BCE fossem preferidas às da Comissão que propunha uma ponderação nacional. Lembro ainda a boa relação que tinha com o seu homólogo francês, o malogrado Pierre Bérégovoy que me perguntava por ele.

Nesse registo, vale a pena citar um trabalho de Setembro de 1994 em coautoria com Vitor Gaspar, desta feita em língua inglesa, o *Working Paper* nº 233 desta série,

---

<sup>4</sup> Carlos Diaz, que evoco na MI nº 45, reproduzida na parte 2, julgo que um dos *referees*, descreveu-me este *paper* como parecendo às vezes um relatório governamental...O certo é que introduzia uma dimensão muitas vezes ausente da discussão macroeconómica que é o lado da oferta, aqui capturada através das matrizes de Leontieff tão ao gosto da economia industrial da época mas que Pentti Kouri, evocado abaixo (pp. 50-51), abordou pelo lado da competitividade no seu “Profitability and Growth in a Small Open Economy”, reproduzido pp. 315-28 do livro de obras escolhidas citado *ibid*.

publicado em Novembro com o título “Seignorage and Exchange Rates”, que beneficiou da assistência de Marta Abreu, chefe de gabinete do atual Governador, a quem os autores agradecem. Trata-se de uma aplicação da abordagem de Vito Tanzi às receitas de amoeção e oferece uma conclusão animada da conjuntura na altura em que Beleza se afastou do Banco de Portugal: “Apesar de algum enfraquecimento a seguir à crise do Mecanismo Cambial do SME em 1992-93, a estabilidade nominal mantém-se como objetivo intermédio da política monetária. A sua importância na convergência para a União Económica e Monetária não pode ser exagerada, especialmente porque as finanças públicas portuguesas têm ultimamente estado mais ou menos em linha com a moda na UE” (p. 7).

Ao salientar que a estratégia de desinflação prosseguida entre nós implicou uma renúncia aos benefícios fiscais da desinflação, faz-se eco da ideia da inflação como imposto escondido, que norteou todos os documentos que prepararam a UEM, vários PCEDED e QUANTUM, que sumariava a viagem do P1 ao Q2, no documento sobre Política Económica Global citado acima (p. 11).

Por fim, outra falha que não pude suprir em tempo útil refere-se a citações do discurso de tomada de posse de administradores do Banco de Portugal em Março de 1993, quando já se instalara a recessão. Uma vez liberalizados os movimentos de capitais em finais de 1992, antes portanto do prazo limite de 1994, que nem a Grécia usou até ao fim, tendo em conta o progresso na desinflação, os bancos podiam deixar de ser cobradores de impostos implícitos como defendemos no nosso trabalho conjunto já citado. Daí a necessidade de adaptar a sua supervisão à convertibilidade cambial, como refletido no novo regime, que diferia da proposta original do Banco de Portugal.

Quando dei posse a novos dirigentes, reiterei o princípio da cooperação entre Tesouro e Banco mas o discurso, visto como um ataque à independência deste, foi pretexto para a demissão do vice-governador. Ainda assim, o Governador manteve-se firme e as perturbações cambiais foram de pouca monta. Como outro vice-governador, antigo aluno de Alfredo de Sousa e de Miguel Beleza, me permitiu usar os dados de intervenção cambial para definir os episódios de instabilidade, tive ocasião de demonstrar isso mesmo com Luís Catela Nunes e outros, mas estes resultados empíricos permanecem surpreendentemente ignorados, usando um queixume que aprendi com Jagdish Bhagwati, campeão da homocitação no MIT...

dia	mês	ano	autor	nºMI	dia	mês	ano	autor	nºMI
26	Nov	1983	MB	1	27	Set	1986	ACBB	62
10	Dez	1983	JBM	2	11	Out	1986	JBM	63
23	Dez	1983	APB	3	25	Out	1986	APB	64
7	Jan	1984	ACBB	4	8	Nov	1986	JBM	65
21	Jan	1984	DL	5	22	Nov	1986	LCC	66
4	Fev	1984	MPB	6	6	Dez	1986	ACBB	67
18	Fev	1984	MB	7	20	Dez	1986	JBM	68
3	Mar	1984	JBM	8	10	Jan	1987	APB	69
17	Mar	1984	APB	9	24	Jan	1987	LCC	70
31	Mar	1984	JBM	10	7	Fev	1987	JPB	71
18	Abr	1984	ACBB	11	21	Fev	1987	DL	72
5	Mai	1984	DL	12	7	Mar	1987	ACBB	73
19	Mai	1984	ACBB	13	21	Mar	1987	APB	74
2	Jun	1984	MB	14	28	Mar	1987	LCC	75
16	Jun	1984	JBM	15	4	Abr	1987	JBM	76
30	Jun	1984	APB	16	11	Abr	1987	JPB	77
14	Jul	1984	ACBB	17	18	Abr	1987	DL	78
28	Ago	1984	DL	18	1	Mai	1987	JBM	79
11	Ago	1984	MB	19	9	Mai	1987	JPB	80
25	Ago	1984	APB	20	23	Mai	1987	APB	81
8	Set	1984	JBM	21	6	Jun	1987	DL	82
22	Set	1984	ACBB	22	13	Jun	1987	JBM	83
4	Out	1984	DL	23	20	Jun	1987	JPB	84
20	Out	1984	APB	24	27	Jun	1987	LCC	85
3	Nov	1984	JBM	25	4	Jul	1987	JBM	86
17	Nov	1984	JBM	26	18	Jul	1987	ACBB	87
30	Nov	1984	DL	27	25	Jul	1987	DL	88
7	Dez	1984	JBM	28	1	Ago	1987	LCC	89
15	Dez	1984	ACBB	29	8	Ago	1987	JPB	90
29	Dez	1984	APB	30	22	Ago	1987	JBM	91
12	Jan	1985	JBM	31	3	Out	1987	JBM	92
26	Jan	1985	DL	32	31	Out	1987	LCC	93
16	Fev	1985	APB	33	7	Nov	1987	JBM	94
2	Mar	1985	JBM	34	13	Fev	1988	JPB	95
30	Mar	1985	ACBB	35	12	Mar	1988	VdO	96
27	Abr	1985	JBM	36	19	Mar	1988	MCC	97
11	Mai	1985	ACBB	37	26	Mar	1988	LCC	98
25	Mai	1985	APB	38	2	Abr	1988	ACBB	99
8	Jun	1985	JBM	39	9	Abr	1988	JPB	100
22	Jun	1985	DL	40	16	Abr	1988	JBM	101
6	Jul	1985	ACBB	41	4	Jun	1988	JPB	102
27	Jul	1985	APB	42	9	Jun	1988	VG	103
10	Ago	1985	DL	43	18	Jun	1988	MCC	104
24	Ago	1985	DL	44	25	Jun	1988	JBM	105
7	Set	1985	JBM	45	2	Jul	1988	VdO	106
4	Out	1985	APB	46	20	Ago	1988	JPB	107
1	Nov	1985	JBM	47	27	Ago	1988	DL	108
16	Nov	1985	ACBB	48	10	Set	1988	VG	109
30	Nov	1985	APB	49	17	Set	1988	LCC	110
14	Dez	1985	DL	50	22	Out	1988	JBM	111
28	Dez	1985	JBM	51	29	Out	1988	VG	112
25	Jan	1986	APB	52	5	Nov	1988	VdO	113
8	Fev	1986	DL	53	11	Fev	1989	VdO	114
1	Mar	1986	JBM	54	25	Fev	1989	VG	115
22	Mar	1986	JBM	55	11	Mar	1989	JAVS	116
12	Abr	1986	ACBB	56	1	Abr	1989	APB	117
24	Mai	1986	APB	57	15	Abr	1989	MCC	118
14	Jun	1986	DL	58	29	Abr	1989	VG	119
5	Jul	1986	DL	59	13	Mai	1989	JPB	120
19	Jul	1986	JBM	60	23	Jun	1989	ANL	121
2	Ago	1986	LCC	61	1	Jul	1989	VdO	122
					15	Jul	1989	LCC	123



**Olivier Blanchard's maiden presentation  
to the Lisbon Academy of Science on 18 May. 2017:  
an introduction ten years after**

Mr President, Ms Secretary General, Eminent Fellows

It is a joy to welcome to this joint session of the two classes of the Lisbon Academy of Science, a foreign corresponding member of the L class proposed by the economics section, to give Olivier Blanchard a rather grand membership certificate, written in Latin, signed by President Artur Anselmo and Secretary General Maria Salomé Pais, and to introduce his maiden presentation on “where to from here?” I will first recall the process leading to his election, then offer a genealogy of his work on Portugal and close with some remarks about the person.

**Process**

As he enters this building for the first time, I would be remiss not to mention that Queen Maria I founded the Academy in 1779, upon a request from the duke of Lafões, just like King Louis XIII established the French Academy in 1636, upon a request from the Duke of Richelieu. Because the number of *immortels* is set at 40, the ritual of induction is far more elaborate there. To reflect French Republican identity I selected interdisciplinary snippets from three among the top 40 of over 700 [23, p. 22] with two eulogies, Condorcet in 1782 and Tocqueville in 1842, and Siegfried's 1947 reply. The mathematician's criticism of slavery brings together the US and our founding Queen: *“l'Américain, en rompant ses chaînes se mis en devoir de rompre celles de ses esclaves ; et, de tous les peuples libres, il a le premier appelé tout ce qui cultivait la même terre aux mêmes droits et à la même liberté. La Souveraine du Portugal, en gémissant de ne pouvoir imiter en tout ce grand exemple, a ordonné du moins que, dans ses vastes États, l'homme ne naîtrait plus esclave.”* (p. 40) The historian focuses on Bonaparte : *“Ces pouvoirs illimités qu'on avait avec raison refusés au prince, quand il ne représentait que lui-même et ses aïeux, on pouvait être amenés à les lui concéder lorsqu'il semblait représenter la souveraineté nationale. ”* (p. 527-8) The geographer reminds the eloquent lawyer who had just been received that *“il ne suffit pas d'avoir de grandes qualités, il faut en avoir l'économie »*, thereby quoting an enemy of Richelieu, the Duke of La Rochefoucault, whom he discretely calls « le moraliste » (p. 498). It may not be the only time the word *économie* is used in the tome but it would not be economical to search any further...

Coming back to earth and our Academy, its class composition follows that of the Royal Society, established in 1660 by Charles II (the one who married a Portuguese Queen), where nowadays economics is a section in the class of Health and Human Sciences, an arrangement found at the American Academy of Arts and Sciences, established in 1780, where social science and humanities are two different classes (and Olivier has

been a fellow since 1990). With 200 domestic and 100 foreign fellows, or *confrades*, we are twice as large as AAAS in per capita terms! Also, our founding Queen died in Brazil, the “foreign” category includes Brazilians and we hope to flag the Community of Portuguese-speaking Countries (CPLP), across which we have elected members, including four economists who visit whenever possible.

In early 2008, Jacinto Nunes (1926-2014), former President and dean of our section, agreed with Paulo de Pitta e Cunha, his deputy, José Luís Cardoso and myself to revitalize the section by asking all members for names to fill vacancies and topics of interest for conferences. When Jacinto finished his *Memoirs* [19] prefaced by Silva Lopes (1932-2015), the financial crisis led us to find a successor to James Tobin (1918-2002), granted an honorary Ph.D. by Nova University in 1981, on the same day as his certificate, and plan a meeting on “Economists and the crisis”.

Paul Krugman and Olivier Blanchard were thus proposed as foreign *confrades* in 2009 and we found support from the C class and CPLP to follow up on the initiative of the British Academy (established in 1902 by Edward VII and with the same composition as our class L) to write to the Queen that the financial crisis was not the fault of economists [12].

Nova’s senior economics faculty agreed that Tobin’s successors would combine the Academy with a doctorate *Honoris Causa*, but the 2009 choice innovated on two grounds. First the vote included the corresponding members of the section and was preceded by exchanges about where to take the section in light of the damage done to the profession by the financial crisis – which was deeply felt by the three former ministers of finance and, as Jacinto and Lopes had also been governors, led us to propose a conference on the subject to *Banco de Portugal*. Second, and related to the procedural innovation, we proposed two names rather than one. Though this showed to the other sections that economists could be part of the solution, it also delayed the formal vote until end May 2010. The section met again on September 16 and discussed the conference - where we would write a letter to a fictional Queen Lusophonia. Helena Garrido was briefed on the project and spread the news [16].

However, the funding crisis which led to the third Euro Zone bail-out in May 2011 made Olivier’s presence in Portugal a matter of state and evidently postponed the conference. We waited patiently for his retirement from the IMF and also, of course, for the tenth anniversary of his celebrated paper on “the difficult case” [5]. Another twist was that the initiative for Krugman came from the last Rector of the old University of Lisbon, Sampaio da Nôvoa, also a *confrade*, and was endorsed by his Nova and Technical counterparts - the later now merged in the new ULisboa, so that he received a *TriDoc* in February 2012 [11]. The Academy was present in that he received his certificate from Jacinto but this took place at *Aula Magna* rather than here. The formal vote on Blanchard’s honorary degree at Nova was delayed until last Fall and the March 2017 date set by the retiring Rector included recipients from other

fields so that it could not be changed. Hence, Olivier must return to close this two-step Tobin succession!

As it turned out, Silva Lopes, who commented Krugman's doctoral speech, had taken a strong stand at the November 2009 meeting in favor of choosing two MIT economists hailing from both sides of the Atlantic. But he died one year after Jacinto, whom he had succeeded. As I welcome Olivier after having introduced Paul, let us remember the two *confrades* who, following Pinto Barbosa (1917-2016), did a lot for the introduction of the new economics in Portugal. Not surprisingly, it is here that they organized a *Symposium on Keynesian Studies* in 1977 [1] which the current governor of *Banco de Portugal* has agreed to follow up on, providing an interesting alternative to the conference "Economists and the crisis" that we were planning on seven long years ago.

### Work

[6] is Olivier's fifth paper on Portugal this century. It is a sequel to [5], published ten years ago in the *Portuguese Economic Journal*. [24], also quoted in [6], is a contribution to a 2003 McKinsey report on increasing productivity growth: it appeared when Manuel Pinho, francophile and former IMF economist, was Economy Minister and I know he was very bullish on the exercise. But the genealogy includes two other co-authored papers: with Pedro Portugal, comparing unemployment in the US and Portugal [2], and with Francesco Giavazzi, taking a benign view of the current account deficits of Portugal and Greece [3]. Portugal also ran deficits in excess of 10 percent of GDP in the early 1980s, but the escudo was devalued by 60 percent between 1980 and 1987 and the deficit was eliminated. This time is different, however, because there are no large adverse shocks, budget deficits or financial market worries. When countries become more closely linked in goods and financial markets, they should see an increase in investment and a decrease in saving because of higher expected rates of return and better growth prospects respectively.

In p. 186, after asserting that benign neglect appears to be a reasonable course of action, the paper concludes with the importance of collecting current account statistics in euro zone countries, as opposed to U.S. states. They should not stop because policymakers want to know 1) how much foreign debt a country is accumulating, 2) the potential output costs of adjusting relative prices given the level of foreign debt and 3) the effect of the budget deficit on the current account.

The discussants differed radically [13, 17 pp. 195-97]. Wilhelm Buiter, then at EBRD, was severe on the method but shared the result whereas Pierre-Olivier Gourinchas liked the paper but cautioned that globalization had not been smooth enough for greater cross-country dispersion in current accounts to be matched by lower income inequality. Therefore, large current account deficits may lead to situations of illiquidity, calling for some strictly positive amount of insurance, in the form of a government surplus.

First presented at a *Banco de Portugal* conference in 2006, [5 p. 6] looks back at the argument, footnotes [3] saying that Pierre-Olivier was right to be worried about the required adjustment. Another footnote in [5] also questions the relevance of a DSGE model (co-authored by the moderator in that session, who became Portugal's finance minister and is now at the IMF, e.g. Fagan and Gaspar 2005): when wages adjust slowly to labor market conditions: even if the government can use fiscal policy to affect demand, it might maintain output at the natural level, and in the process eliminate the (partly desirable) current account deficit. Ten years after, [6] also assesses the macroeconomic state (boom, slump, two crises and a timid recovery) and clarifies the policy options, focusing on the treatment of nonperforming loans, product market reforms and labor market micro-flexibility, while avoiding wage and price deflation and faster fiscal consolidation. Euro exit is also undesirable on economic grounds.

The fact that new data showed the competitiveness problem to be less acute reminds me of course of Krugman's take on the April 25<sup>th</sup> Revolution [21], where we measured wages and output relative to their "warranted" level so as to take into account the effect of structural shocks (oil price rise, world recession, political instability) on the internal and external balance schedules defining the four "zones of economic unhappiness". As Jeff Frankel pointed out [15], devaluation remained the cure but the reason was the fall in the warranted real wage. Currently, treating non performing loans and reverting reform reversions in product and factor markets could bring output to its warranted level without threatening external balance.

Now, like forty years ago, the unfortunate consequences of a "politicized market economy" can be motivated by two quotes. The first: "*Les à-coups de l'accélération de l'histoire marquent la vie des peuples comme les sacrements celle du chrétien. Ces périodes extraordinaires sont aussi la bibliothèque où, qui en a compris la grammaire, peut lire à livre ouvert les lois du changement social profond*" [20] is from Serge Christophe Kolm, a French economist whose advice to devalue the escudo was rebuffed by the captains [9, note 9]. The second comes from Frank Graham, who founded Princeton's International Finance Section, and makes disorder the sole substitute for the controlled experiments of the natural sciences, cautioning that it may be excessive even for the most detached of scientists. [18].

## Person

Everything has been said about our new *confrade*. Let me add that his demeanor reminds me more of *la vie en cool* than *la vie en rose* but, unlike Alberto Holly, a newfound friend from the *Lycée Français Charles Lepierre*, we never shared an institution before this one. An *Amienois* like the current President of France, he studied at *École Supérieure de Commerce de Paris*, Nanterre University and MIT where he obtained his Ph.D. in 1977, the year Macron was born and Krugman also got his degree. With Mario Draghi, governor of the ECB, and Maury Obstfeld, his successor at the IMF, they were part of the golden age of open economy macroeconomics, led by

the German-born economist Rudi Dornbusch (1942-2002), whom I called the mother of the Portuguese crawling peg [9, note 25].

Pentti Kouri (1949-2009) was also there and, when the Banks of Finland and Italy honored his memory in 2010, Olivier said “The Dornbusch approach, and its powerful implications, has dominated research...but imperfect substitutability seems central to the issues we face today”. This statement reflected his “rediscovery” of Kouri in another *Brookings Paper* with Francesco Giavazzi and a Portuguese student at MIT [4]. The quote, printed in the back cover of [10], links the genealogy above to Olivier’s many contributions to macroeconomic theory, where the Tobin tradition was to use M for money rather than for imports.

A profile written from Ile de Ré about “The smartest economist you’ve never heard of” [27] brings out Olivier’s maritime inclinations which we shared at the Beach of Apples in 2006. Krugman [22] waxes lyrical about his former classmate and the way he turned the IMF around to the point that I assigned the profile in a course on international macroeconomics to make Nova Law graduates believe that the Fund could be humane. The *WaPo* story starts with the advice our *confrade* gave to a Harvard student, when he was wondering about whether to take an offer from the Fund or UVa: “David, if you go to the IMF, you’ll be throwing your career away.” Now deputy MD at the IMF, he says that “Olivier is one of those rare academics who deserve to have a license to practice.” The evolution of Olivier’s thinking on Portugal over the last 15 years, evident from this visit, confirm the Lipton license!

We look forward to his maiden presentation today and to his future contribution to the conference held over from 2011 on economists and the crises. His recent blog calling for several classes of macro models besides the real business cycles based DSGE workhorse [7] was favorably contrasted with the most cited author in [6], Ricardo Reis - who managed to write two *Brookings Papers* on Portugal in two years [28, 29]. While Reis challenges claims from Kevin O’ Rourke [26] that Portugal is a bit boring, he may not convince us that DSGEs are the only way to go [30]. Instead of what *Eurointelligence* called “denial” [14], *confrades* from C class involved in the Letter to Queen Lusophonia project have joined the crusade against silos [31] and would support greater use of agent based or adaptive models [8, 25].

My last word on this occasion is in memory of Rudi, to whom we Portuguese owe a lot. He always said we were like Scotts and only Brazilians were “true Latins”. How would our *confrades* react to this – especially our Luso-German Treasurer?

Thank you.

## References

1. Academia das Ciências de Lisboa 1977, *Simpósio de Estudos Keynesianos*.

2. Blanchard, Olivier and Pedro Portugal. 2001. "What Hides Behind an Unemployment Rate: Comparing Portuguese and U.S. Labor Markets." *The American Economic Review*, 91(1):187-207.
3. Blanchard, Olivier and Francesco Giavazzi, 2002 "Current Account Deficits in the Euro Area: The End of the Feldstein-Horioka Puzzle?", *Brookings Papers on Economic Activity* Fall
4. Blanchard, Olivier, Francesco Giavazzi and Paula Sá 2005, "International Investors, the U.S. Current Account, and the Dollar" *Brookings Papers on Economic Activity* .
5. Blanchard, Olivier 2007 "Adjustment within the euro: The difficult case of Portugal" *Portuguese Economic Journal* 6 (1), 1-22, May
6. Blanchard, Olivier and Pedro Portugal 2017a "How to strengthen the Portuguese recovery", draft May
7. Blanchard, Olivier 2017b, "On the Need for (At Least) Five Classes of Macro Models", Peterson Institute of International Economics, Apr 10
8. Bookstaber, Richard 2017 *The End of Theory: Financial Crises, the Failure of Economics, and the Sweep of Human Interaction*, Princeton University Press
9. Braga de Macedo, Jorge 2008 "Economic Advice and Regime Change in Portugal", in Francesco Franco (editor) *Challenges Ahead for the Portuguese Economy*, , Lisbon: ICS, pp. 201-229.
10. Braga de Macedo, Jorge and Urho Lempinen (editors) 2010 *Open Economy Dynamics, Selected Papers by Pentti Kouri*, Helsinki: Taliesen
11. Braga de Macedo, Jorge 2013 "Krugman's TriDoc", *Notas Económicas*, Revista da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, nº 37, June, pp. 7-22
12. Braga de Macedo, Jorge (editor) 2015 *Writing to Queens while Crises Proceed Expanded edition In Memory of Manuel Jacinto Nunes*, IICT and CG&G also <https://run.unl.pt/handle/10362/14560>
13. Buiter, Wilhelm comment on [3]
14. *Eurointelligence* 2017 "Macro in a state of denial", Apr 12,
15. Frankel, Jeffrey comment on [20]
16. Garrido, Helena 2010 "Krugman e Blanchard integram Academia das Ciências de Lisboa", *Jornal de Negócios*, 16 Sep
17. Gourinchas, Pierre-Olivier comment on [3]
18. Graham, Frank 1930 *Exchange, Prices and Production in Hyper-Inflation Germany 1920-23*, Princeton UP
19. Jacinto Nunes, Manuel 2009 *Memórias Soltas*, Lisboa: Alêtheia
20. Kolm, Serge Christophe 1977 *La Transition Socialiste La politique économique de gauche*, Paris : Éditions du Cerf
21. Krugman, Paul and Jorge Braga de Macedo 1979 "The economic consequences of the April 25th Revolution", *Economia*, Universidade Católica Portuguesa, Yale Economic Growth Center Paper nº 299

22. Krugman, Paul 2015 “The Blanchard touch”, The conscience of a liberal, *New York Times*, Oct 3
23. Léotard, François et Patrick Wajzman 2016, *Paroles d’immortels Les plus beaux discours prononcés à l’ Académie Française*, Paris : Jean Picollec
24. Lo, Andrew 2017 *Adaptive Markets— emotional investment theory*, Princeton University Press
25. McKinsey Global Institute 2003 *Portugal 2010: Increasing Productivity*, Lisbon
26. O’Rourke. Kevin comment on [24]
27. Pearlstein, Steven 2015 “The smartest economist you’ve never heard of”, *Washington Post*, Oct 2
28. Reis, Ricardo. 2013. “The Portuguese Slump and Crash and the Euro Crisis.” *Brookings Papers on Economic Activity* Spring: 143–93
29. Reis, Ricardo 2015. “Looking for a Success in the Euro Crisis Adjustment Programs: The Case of Portugal” *Brookings Papers on Economic Activity* Fall: 433-458
30. Reis, Ricardo 2017 “Is something really wrong with macroeconomics?” London School of Economics, Mar
31. Tett Gillian 2015 *The Silo Effect: The Peril of Expertise the Promise of Breaking Down Barriers*, New Tork: Simon & Schuster

## **José Luís Cardoso, Pensador (e gestor) de economistas<sup>5</sup>**

Senhor Presidente, Eminentíssimos Confrades, Senhoras e Senhores

Cumpre-me responder ao elogio histórico de Armando Gonçalves Pereira, diretor do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras da Universidade Técnica de Lisboa entre 1944 e 1968, por José Luís Cardoso, historiador do pensamento económico que nasceu a meio desse período e entrou para o Quelhas em 1973, quando a escola já passara a chamar-se Instituto Superior de Economia.

Através de Maria Manuela Silva, cedo começou a colaborar com o então Gabinete de Investigações Sociais<sup>6</sup>. Assistente do ISE em 1978, iniciou um vaivém urbano cursando sociologia no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, onde, segundo Miriam Halpern Pereira, “foi um aluno brilhante na cadeira de História na licenciatura de sociologia pois não havia ainda licenciatura em História no ISCTE”<sup>7</sup>. Obteve o diploma do ISCTE em 1981, quando o vizinho GIS se estava a tornar instituto autónomo da Universidade de Lisboa, tendo passado em 2002 a Instituto de Ciências Sociais, Laboratório Associado. Em 2008, trinta e cinco anos depois do seu primeiro livro e dois anos antes da fusão da UTL na ULisboa, Cardoso pereniza a ligação com GIS/ICS, voltando ao Campo Grande.

Mais importante do que o sítio, porém, é o modo como desde cedo enquadrou economistas portugueses no ambiente científico europeu e mundial. Assim, acompanha a *European Society for the History of Economic Thought* desde a sua fundação em 1996, sendo atualmente seu presidente (por sinal na ESHET ainda aparece com a filiação da extinta UTL...).

Manteve-se o peso do Quelhas, Mercês e Rua do Comércio no seu modo de pensar economistas por via de Manuel Jacinto Nunes, presidente da Classe de Letras e da Academia das Ciências entre 1980 e 1990. Em 1986, quando preparava a tese de doutoramento, as *Memórias Económicas Inéditas* (rubrica 4.17 no anexo) valeram-lhe o prémio Artur Malheiros da Academia das Ciências, da qual veio a ser eleito sócio correspondente e efetivo em 1995 e 2004 respetivamente. Ainda assim não terá

---

<sup>5</sup> Agradeço comentários a versões anteriores, testemunhos de Maria Manuela Silva e Miriam Halpern Pereira sobre o recipiendário, bem como o envio do seu texto. A secretária e a bibliotecária da Academia prestaram o apoio costumeiro. Na minha Faculdade esclareci dúvidas de indexação e no IICT a Dra Laura Domingues ajudou a estabelecer a lista que serviu de base aos indicadores em anexo.

<sup>6</sup> Em “O Gabinete de Estudos Corporativos (1949-1961) e a génese de uma biblioteca moderna de ciências sociais” (rubrica 2.1, nota 28 p. 14) cita uma mensagem pessoal de MMS revelando “que a confiança existente entre os membros do GEC e o seu director permitia até a aquisição à consignação de obras que, caso estivessem repetidas, seriam devolvidas às livrarias fornecedoras”.

<sup>7</sup> MHP acrescenta que JLC “fêz parte daquela pléiade de licenciados que tiraram 2ª licenciatura em pós-laboral depois do 25 de Abril”.



contado que a experiência de gestão de economistas adquirida no Quelhas iria alargar-se a outros cientistas sociais no Campo Grande...

Décadas a pensar e gerir economistas não se comparam pois às do seu predecessor imediato na cadeira 15L e ainda menos às dos anteriores, como Tomás Correia, professor de comércio no ISCEF (eleito sócio efetivo em 1929, quatro anos depois de ser correspondente), para não recuar até Bernardino Machado ou avançar para o nosso querido Mário Soares, que dispensa Economia e Finanças. Convidado pelo Presidente a ocupar essa cadeira em 2014, devendo responder-lhe o confrade António Valdemar, Soares voltou depois a sócio honorário<sup>8</sup>.

Dividi esta resposta em quatro seções, referentes à diversidade dos titulares das nossas cadeiras, ao percurso do novo titular, ao falecido decano da 6ª seção e à evolução da produção científica de José Luís Cardoso.

### **1. Diversidade e dificuldade**

A diversidade é timbre dos que ocupam estas cadeiras, o que vai dificultando a resposta aos elogios. Por mim, foi fácil inaugurar lá em baixo a primeira destas oportunas sessões conjuntas, na qual contracenei com o meu vizinho Armando de Lencastre, elogiando António Manuel Pinto Barbosa, economista e governante, a quem sucedi na cadeira 18L em Novembro de 2013. Mas não terá sido tão fácil para meu mestre e amigo Pedro Soares Martínez saudar-me de improviso, substituindo Paulo de Pitta e Cunha, economista sem quartel, que eu vim a saudar, quando, um ano depois, sucedeu na cadeira 13L a José Joaquim Teixeira Ribeiro. Isso foi difícil, não só porque tive de substituir o decano da 6ª seção, entretanto falecido, mas também porque o saudado me havia impelido a cultivar a economia monetária internacional nos Estados Unidos e não no Campo Grande, onde ele me ensinara - uma espécie de vaivém continental...

Responder hoje ao sucessor do pai de André Gonçalves Pereira, outro meu antigo professor, é ainda mais difícil porque me habituei a ver o Zé Luís, menino e moço, na casa de meus pais. Tal como no caso anterior, o recipiendário é mais antigo do que o saudante e este vem substituir o falecido decano da seção. Acresce aqui irmandade antiga, sempre atualizada.

Convidou-me a falar no plenário da conferência anual da ESHET em Rethymnon, Creta em 2002, e dediquei essa lição ao prémio Nobel James Tobin, sócio correspondente estrangeiro que falecera poucos meses antes e cuja sucessão nos levaria a dinamizar a

---

<sup>8</sup> A resposta ao Presidente foi assumida pelo Presidente. Agradeço a António Valdemar ter encontrado dois erros embaraçosos numa versão anterior e a Artur Anselmo o esclarecimento sobre o seu papel.

6ª seção<sup>9</sup>. Conforme detalho abaixo, apoiou os esforços para, nesta Academia, honrar a memória de Jacinto Nunes e do seu malogrado sucessor José da Silva Lopes.

Depois de me ter ajudado a honrar a memória de meu pai, coorganizando uma das conferências que deu os *Nove Ensaio na Tradição de Jorge Borges de Macedo*<sup>10</sup> traduziu a sua contribuição para inglês e publicou-a noutra revista indexada que fundou e dirige, *e-journal of Portuguese History* (rubricas 1.2 e 6.10).

Na Faculdade de Economia, lembrou, nos vinte anos da sua morte, Alfredo de Sousa - com quem aliás partilho a fraqueza pelo desenvolvimento internacional, conforme evidenciam as atas da conferência da ESHET, publicadas em 2006 e ainda uma colaboração em curso que também envolve a minha colega Maria Eugénia Mata.

Compreende-se assim a maior dificuldade de saudar o recipiendário abraçando referências comuns, como Miriam Halpern Pereira, uma antiga aluna de meu pai que orientou a sua tese de doutoramento sobre *O Pensamento Económico em Portugal nos Finais do Século XVIII*, 347 pp, rubrica 3.5 dedicada á mulher e filha) e de quem o jovem Cardoso guarda “a definitiva tomada de consciência da importância da componente histórica nos estudos de ciências sociais” (ibid. p. 13). Menos jovem, escreve sobre “Trabalho e lazer na história da ciência económica” (rubrica 6.9, homenagem a Miriam que o ICS publicou em 2009, dedicado a *Portugal nos últimos dois séculos*.

Na tese agradecera também a Francisco Pereira de Moura, Jacinto Nunes e Nuno Valério, que “leram e comentaram alguns trechos deste livro”. Do confrade António Almodôvar, como quem viria a escrever uma dezena de trabalhos, diz que “leu, anotou e discutiu o texto na sua versão (quase) definitiva”.

### **Nascido e criado na Figueira**

Nascido em 10/03/56 na Figueira da Foz ali frequenta o liceu municipal. Escreve em 1983 um *ensaio histórico-biográfico* sobre Manuel Fernandes Tomás publicado pela Câmara Municipal por ocasião do 1º centenário da vila (rubrica 3.6). É um trabalho que Miriam considera fora do quadro universitário apesar de ir dizendo que esse período foi “um momento de grande abertura para o saber, como sempre acontece nos

---

<sup>9</sup> Comparative development and institutional change, in *Economic development and social change* edited by George Stathakis and Gianni Vaggi, Routledge Studies in the History of Economics, Routledge, pp. 74-96. Antes desafiara-me a escrever um obituário sobre James Tobin para o *European Journal of the History of Economic Thought* que me permitiu comparar apontamentos com Cambridge com Richard Cooper e Ken Galbraith, não tendo conseguido convencer nem o primeiro do interesse de Tobin pelo desenvolvimento nem os organizadores do *Journal of the History of Economic Thought* a publicar “In memory of James Tobin, economist and *honnête homme*”, que está disponível em <http://www.jbmacedo.com/papers/tobin.html>.

<sup>10</sup> Publicação do IICT e CG&G lançada numa sessão conjunta em Abril de 2009, na qual apresentaram comunicações o atual Presidente e o então Secretário geral, António Dias Farinha.

momentos de grande mudança. Era preciso compreender o mundo”. A escolha do ilustre figueirense refletia certamente curiosidade própria pois a ele voltou Cardoso em 2004: “Político, munícipe, parlamentar” (rubrica 7.14).

Para Borges de Macedo, Fernandes Tomás ajudaria certamente a “compreender o mundo” como desejava Miriam porque se lhe devia sobretudo “o mérito do primeiro liberalismo português ter sido estabelecido sem guerra civil”<sup>11</sup>. Isso mesmo resulta do ensaio: só uma monarquia constitucional permitiria rejeitar tanto o domínio espanhol como o inglês (p. 53, p. 68, p. 77).

Em 1978, licenciara-se em Economia pelo ISE, onde se doutorou em 1988 e se agregou em 1994, pouco antes de entrar para a Academia. Com prefácio de Jacinto Nunes, a série “Obras Clássicas do Pensamento Económico Português” do Banco de Portugal, inclui as já citadas *Memórias Económicas Inéditas (1780-1808)* (1987), *Memórias Económicas da Real Academia das Ciências de Lisboa, para o Adiantamento da Agricultura, das Artes, e da Indústria em Portugal, e suas Conquistas* (5 volumes, 1990/91) e *Francisco Solano Constâncio, Leituras e Ensaio de Economia Política (1808-1842)* (1995)<sup>12</sup>.

Co-organizou ainda os *Ensaio de Homenagem a Manuel Jacinto Nunes* por ocasião da sua jubilação no ISEG em 1996 e no ano seguinte publica *Novos Elementos para a História Bancária de Portugal. Projectos de Banco 1801-1803* na série “História Económica” do Banco de Portugal.

A proposta de Jacinto, também assinada pelo decano Pinto Barbosa, Mário Júlio de Almeida Costa, José Vitorino Pina Martins, Manuel Viegas Guerreiro, Justino Mendes de Almeida e Martim de Albuquerque, chama-lhe o vulto “mais proeminente dos estudiosos do pensamento económico” e considera “mais do que suficientes” para a eleição o primeiro livro e mais sete trabalhos (rubricas 1.25, 2.18-19-20, 6.31-32, 5.21)<sup>13</sup>. Também menciona que é “coordenador geral do projeto de investigação e

---

<sup>11</sup> *Estudos de Homenagem a Joaquim Veríssimo Serrão* 1995, p. 573 e Jorge Borges de Macedo: *Saber Continuar*, 2005, p. 239 nota 19.

<sup>12</sup> Rubricas 4.12 a 15. e 4.17 em anexo. Do processo académico de JLC consta um artigo de Pedro Ary, intitulado “Mais de 200 anos de Economia em Portugal”, *Valor* nº 401, Julho de 1999, p. 10 onde se resume esta série de publicações. A correspondência referente ao seu percurso académico começa em 06/07/95 e termina com um agradecimento a Pina Martins (05/05/04). Do processo consta ainda uma troca de cartas de finais de 2014, referente a uma suposta falta de assiduidade de confrades da 6ª seção, troca aquela que envolveu também o atua decano e eu próprio.

<sup>13</sup> Por ordem cronológica, que não corresponde às rubricas citadas no texto, e segue aqui invertida. Teaching the history of economic thought. *The European Journal of the History of Economic Thought*, Vol.2, nº1, Spring 1995, 199-216; La diffusion internationale de la physiocratie: quelques problèmes ouverts. com Lluís Argemí e Ernest Lluch, *Economies et Sociétés - Série Oeconomia*, 1995, PE nº 22-23, pp. 473-480; O pensamento económico na época da restauração. *Penélope*, 1993, nº 9/10, 135-149; O pensamento económico de Oliveira Martins, *Actas do Encontro Ibérico sobre História do Pensamento Económico*. Lisboa: CISEP,

organização editorial do Centro de Estudos sobre Economia Portuguesa”, financiado pela Fundação Gulbenkian e o Banco de Portugal. Trata-se na verdade do CISEP (Centro de Investigação sobre Economia Portuguesa) - onde também coordenou *Empresários e Gestores da Indústria em Portugal* (rubrica 3.4)<sup>14</sup>.

Na proposta de eleição para a Academia, além de notar os trabalhos citados acima, refere-se que mais de um terço da sua tese de doutoramento assenta nas respetivas *Memórias*. Ocorre salientar que, para além de Domingos Vandelli e José Correia da Serra, citados na parte I, aparecem na tese outros faróis da investigação subsequente de Cardoso como Rodrigo de Sousa Coutinho e Joaquim José Rodrigues de Brito nas partes II e III respetivamente. Esta termina com a polémica entre este e José da Silva Lisboa à volta de Adam Smith, argumentando que o brasileiro defendia o escocês por este ter mais consciência da importância do livre-câmbio. Na conclusão, cita o elogio da orientadora à “notável capacidade de duração” da sociedade portuguesa do antigo regime (p. 306), insurgindo-se na nota 3 contra os “credos marxistas” que pensam o contrário. No final reconhecesse que “muitas são as portas que ficaram por abrir” (p. 308) mas que tal é próprio de “uma tarefa de investigação...que é sempre inacabada...”

A orientação por historiadores manteve-o na história do pensamento económico, soube combinar a investigação com a gestão de cientistas sociais de diferentes origens pois preside ao ICS depois de ter presidido ao Departamento de Economia e ao Conselho Científico do ISEG. Como referido acima, o vaivém urbano não cessou nem impediu a implantação internacional.

### **De Salazar a Krugman**

No obituário que publicou no *Expresso* (rubrica 7.1), Cardoso conclui que o maior triunfo de Jacinto Nunes “é o reconhecimento público, inequívoco e unânime, do imenso valor do seu legado.” Nesse legado estarão certamente as comunicações à Academia, nomeadamente a publicada no *Simpósio de Estudos Keynesianos* de 1977<sup>15</sup>. Não surpreende então o seu gosto pela multidisciplinariedade e o pluralismo

---

1992, 339-355, que organizou com António Almodôvar; A recente historiografia portuguesa do pensamento económico. *Ler História*, 1991, nº 21, 146-53; Economic thought in late eighteenth-century Portugal: physiocratic and Smithian influences in *Adam Smith Across Nations. Translations and Receptions of 'The Wealth of Nations'*, organizado por Cheng-chung Lai, Oxford: Oxford University Press, 2000, 221-233; Francisco Solano Constâncio e a polémica entre Malthus e Say, in *Estudos sobre o Pensamento Económico em Portugal*. Porto: Faculdade de Economia da Universidade do Porto, 1990, 67-82, organizado por Almodôvar).

<sup>14</sup> Com José Maria Brandão de Brito, Fernando Ribeiro Mendes e Maria de Lurdes Rodrigues, publicado pela Dom Quixote em 1990.

<sup>15</sup> Conforme desenvolvo na homenagem que publiquei no nº 54 da *Nova Cidadania*, seguido acima no texto, Jacinto Nunes chamou-lhe a última peça “de um keynesianismo onde começo a ponderar as alternativas” como escreve na nota prévia do livro de 1998, intitulado *O pensamento de Keynes. Aspectos epistemológicos e metodológicos*, onde reúne trabalhos tendentes a ultrapassar o pensamento cartesiano/euclidiano em favor do modo de pensar “babilónico”, que considera compatível com o paradigma científico de Thomas Kuhn.

metodológico, que Cardoso considera “poderoso antídoto contra o pensamento único de qualquer estirpe”. Adiante relata que Jacinto Nunes “costumava recordar, com ironia, um dos raros encontros que teve com Salazar” no qual teria expresso “a sua crença nas virtudes do pensamento keynesiano, dele obtendo uma resposta sobranceira: ‘Deixe lá, deixe lá, isso passa-lhe’. Mas não passou.” Ora eu sempre ouvira dizer que essa resposta se dirigia a Luís Teixeira Pinto (1927-2012), Ministro da Economia entre 1962 e 1965...

Felizmente, o próprio Jacinto Nunes conta na conferência sobre o Cinquentenário da Teoria Geral de Keynes (p. 59 das atas publicadas pelo ISE em 1986, que organizou com Eduardo de Sousa Ferreira, rubrica 4.18) que se tratava de Ulisses Cortês (1900-75), Ministro das Finanças entre 1965 e 1968. Explica ainda a sua própria recusa de aceitar o convite aceite pelo seu amigo Teixeira Pinto em termos mais práticos do que doutrinários: “com Salazar a tarefa de Ministro das Finanças estava mais facilitada do que a do Ministro da Economia.”

A minha eleição para sócio efetivo, apoiada por Cardoso, ocorreu em finais de 2007, e a crise financeira que se verificou em 15/08/08 permitiu reforçar a âncora dele na Academia, porventura em risco com o regresso ao Campo Grande e à gestão. Conforme se recorda na frase final das *Memórias Soltas* de Jacinto Nunes (p. 159), a crise teve grande impacto na perceção social dos economistas, tendo assim suscitado a curiosidade de outras disciplinas.

Também surpreendeu que a crise financeira originasse nos membros do “clube reformista” da OCDE e não nos países emergentes. Por isso, a visita da Rainha Isabel II à *London School of Economics* em 05/11/08 e a sua famosa pergunta “se era tudo tão grande, como é que ninguém reparou?” deram pretexto para, um ano depois, debater esboços de resposta através de uma carta enviada por sócios da Academia Britânica (que equivale à Classe de Letras da congénere portuguesa) acerca da crise “de olhos azuis” (como Lula lhe chamou).

Quem, na esteira do saudoso confrade Pina Martins, julgar que a famosa Carta à Rainha Isabel I escrita pelo bispo de Silves em 1565 (a meio do concílio tridentino) se destinava mais a isolar Lutero, fonte de todos os males da Igreja, do que a convencer a destinatária, poderá compreender melhor a resposta preferida pela 6ª seção na sua reunião de 05/11/09: a carta – dirigida a uma hipotética “Rainha Lusófona” com o nome de código LQL (*Letter to Queen Lusophonia*)- deveria incluir perspetivas do Sul, em especial do Brasil e de outros membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, além de confrades da Classe de Ciências, como Rui Vilela Mendes (aqui presente), Rui Malhó (que enviou escusa) e Jean-Pierre Contzen (também sócio da Academia Real da Bélgica, o que talvez permitisse alargar a LQL à francofonia, sem ferir suscetibilidades republicanas...). Não esquecendo que o inglês é a língua franca da economia e finanças, aquelas perspetivas visariam esclarecer a perceção dos economistas na crise para além dos países da OCDE, esperando ter efeito na

inteligência lusófona global: foi esse o propósito do opúsculo *Writing to Queens while Crises Proceed*, publicado pelo IICT em 2013, e revisto e aumentado em 2015, numa edição do IICT<sup>16</sup> e do Centro Globalização e Governança da Faculdade de Economia dedicada à memória de Manuel Jacinto Nunes, que também inclui contribuições sobre lusofonia, designadamente de Renato Flores e já ofereci à nossa biblioteca (onde está disponível com a cota Avulso B 5656).

Naquela reunião dinamizadora da 6ª seção, concluímos o processo de sucessão de Tobin com base em sugestões dos sócios, sendo proposto ao plenário de efetivos eleger Paul Krugman e Olivier Blanchard. Ao recuperar assim o papel da seção na escolha de sócios correspondentes estrangeiros, continuava-se a caminhar nos âmbitos internacional e interdisciplinar que haviam motivado a decisão dinamizadora tomada no Funchal em Março de 2008, conforme relatado na 2ª edição já citada do *Writing to Queens*. O mesmo foi reafirmado na reunião de 14 de Maio de 2015<sup>17</sup>, na qual também se debateu a sucessão do nosso malogrado confrade Silva Lopes, que soube da sua eleição para sucessor de Jacinto Nunes na cadeira 8L na véspera de cair em coma.

A conferência académica patrocinada pelo Banco de Portugal sobre “Os economistas e a crise”, prevista para a primavera de 2011 para a qual se convidariam Krugman e Blanchard, confrades de ambas as Classes bem como economistas lusófonos foi adiado mas Krugman conseguiu participar numa reunião do projeto LQL. Assim, em 27 de Fevereiro de 2012, numa Aula Magna apinhada, Jacinto Nunes entrega o diploma de sócio correspondente estrangeiro da Academia ao prémio Nobel, na qualidade de decano dos economistas portugueses, por ocasião do seu doutoramento *honoris causa* pelas Universidades de Lisboa, Técnica de Lisboa e Nova de Lisboa, onde a sua lição foi comentada por Silva Lopes, tendo a primeira pergunta sido proferida pelo ora recipiendário. Pergunta sobre a essência do keynesianismo, *et pour cause*, à qual, enquanto moderador, não hesitei em chamar “a pergunta mais longa”...

### **Publicações e tropeções**

Também longa é a lista em anexo de 178 publicações, adaptada da constante do *site* do ICS com data de Março de 2014 (acrescentei o citado obituário, numerei pelas oito categorias e salientei as rubricas anteriores a 2008, constantes do *site* do ISEG). O padrão temporal revela uma alteração substancial da estrutura das publicações que poderá configurar-se como uma resposta às responsabilidades mais abrangentes de gestor do ICS. Depois da segunda travessia para o Campo Grande, a média anual de artigos e capítulos “internacionais” (seções 1 e 5) quadruplicou, mantendo-se a média

---

<sup>16</sup> Por casualidade foi hoje aprovada em Conselho de Ministros a integração do IICT na ULisboa exceto algumas atribuições do Arquivo Histórico Ultramarino que passam para a Torre do Tombo.

<sup>17</sup> Como podem testemunhar os confrades Jaime Reis e Manuel Porto, presentes na sessão, já que José Luís Cardoso delegou o seu voto no decano.

das outras publicações (artigos e capítulos “nacionais”, livros organizados e escritos, relatórios e outros escritos). O peso do *stock* de artigos e capítulos “internacionais” subiu assim de um quinto para metade<sup>18</sup>. A respeito do critério de indexação, recorde-se que não é o mesmo para livros e artigos com arbitragem já que o *Web of Science* inclui *Análise Social* nas revistas internacionais ao passo que a Imprensa de Ciências Sociais é uma editora nacional. Por outro lado, o critério da revista indexada não é cumulativo porquanto *Análise Social* não consta do Scopus<sup>19</sup>.

Vem-me ao espírito a data de hoje, 28 de Maio, porque o primeiro livro do recipiendário, dedicado a Manuel Fernandes Tomás, começa com a curiosidade toponímica dele ter nascido numa rua chamada dos tropeções para declarar: “A fazer fé na magia dos nomes, concluiríamos que este homem estava destinado a tropeçar...em qualquer inesperado percalço. Mas nem sempre os fados soam da mais previsível ou predestinada maneira!...” Quero dizer o mesmo deste apaixonado pela história do pensamento económico que soube gerir economistas, outros cientistas sociais e historiadores no Quelhas e no Campo Grande, vindicando o seu precoce treino interdisciplinar num terceiro instituto, vizinho da filiação de destino. E tudo isto sem tropeçar!

Muito obrigado.

---

<sup>18</sup> A percentagem do total das duas primeiras categorias subiu de 22% no ISEG a 47% no ICS, com a correspondente queda das restantes de 78% para 53% (quadro anexo).

<sup>19</sup> Por isso o critério da seção 1 no anexo passa a ser “Web of Science ou Scopus” em vez de “e”.

### Anexo: Estrutura das Publicações

ANOS	ICS	ISEG	TOT		ICS	ISEG	TOT
TOT							
1	<b>13</b>	<b>14</b>	27		<b>48%</b>	<b>52%</b>	100%
2	4	21	25		16%	84%	100%
3	0	6	6		0%	100%	100%
4	4	14	18		22%	78%	100%
5	<b>12</b>	<b>13</b>	25		<b>48%</b>	<b>52%</b>	100%
6	11	23	34		32%	68%	100%
7	7	34	41		17%	83%	100%
8	2	0	2		100%	0%	100%
	53	125	178	%	30%	70%	100%
ANUAL	6,5	24,5	31		ICS	ISEG	TOT
1	<b>2,0</b>	<b>0,6</b>	0,9	250% referee 1	<b>25%</b>	<b>11%</b>	<b>15%</b>
2	0,6	0,9	0,8	-28% referee 2	<b>8%</b>	<b>17%</b>	<b>14%</b>
3	0,0	0,2	0,2	-100% livros org	<b>0%</b>	<b>5%</b>	<b>3%</b>
4	0,6	0,6	0,6	8% livros aut	<b>8%</b>	<b>11%</b>	<b>10%</b>
5	<b>1,8</b>	<b>0,5</b>	0,8	248% cap int	<b>23%</b>	<b>10%</b>	<b>14%</b>
6	1,7	0,9	1,1	80% cap port	<b>21%</b>	<b>18%</b>	<b>19%</b>
7	1,1	1,4	1,3	-22% outrs art	<b>13%</b>	<b>27%</b>	<b>23%</b>
8	0,3	0,0	0,1	relatórios	<b>4%</b>	<b>0%</b>	<b>1%</b>
TOT	8,2	5,1	5,7	60%	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>
SEC 1+5	3,8	1,1	1,7	249%	47%	22%	29%
OUTRAS	4,3	4,0	4,1	8%	53%	78%	71%

Fonte: Lista de Publicações até Março de 2014 publicada no *site* do ICS, acrescentada de um obituário no *Expresso* de 19 Julho e salientando publicações anteriores a 2008, tais como constavam da lista no *site* do ISEG) dividida em 8 grupos no quadro seguinte disponível em <http://www.jbmacedo.com/acl/jlc.pdf>.



## Paulo de Pitta e Cunha, Economista sem quartel<sup>20</sup>

Senhor Presidente, Eminentíssimos Confrades, Senhoras e Senhores

O elogio histórico de José Joaquim Teixeira Ribeiro por Paulo de Pitta e Cunha, seu sucessor na cadeira 13L da 6ª seção (economia e finanças) da classe de letras já estava marcado para 27 de Novembro de 2014 quando se realizou, na sala das sessões, a primeira destas oportunas sessões conjuntas. Além de cumprirem a alínea g do artigo 36º dos Estatutos, as oito sessões conjuntas já realizadas neste lindo salão nobre mostraram que, numa alusão inesquecível ao papel das bibliotecas e arquivos, “é preciso sabermos ter memória”<sup>21</sup>. Sendo conjuntas, estas sessões também permitem que as duas classes se conheçam melhor. Assim, no dia 14 de Novembro de 2013, o meu confrade e amigo Armando Lencastre elogiou Estêvão Cabral e foi saudado pelo antigo presidente Eduardo Arantes e Oliveira, tendo-se seguido uma útil troca de impressões sobre o Padre e Engenheiro Hidráulico que viveu em Coimbra nos finais do século XVIII. A sessão desse mesmo dia começou com o elogio histórico de António Manuel Pinto Barbosa, economista que liga vários outros confrades cuja memória quero evocar ao saudar o recipiendário, mestre e amigo<sup>22</sup>.

Tinha informado o presidente da classe que era o único dos confrades da 6ª secção que me tivera como aluno, precisamente no curso de economia monetária internacional que viria a ser a minha especialização e que o desejo dele me responder tinha o acordo do então decano, Manuel Jacinto Nunes (8L), que se sentia sem fôlego para intervenções orais. Como teve um impedimento súbito, Pitta e Cunha preveniu-me na véspera que não poderia estar, o que logo comuniquei ao presidente da classe<sup>23</sup>. Aí ele recorreu ao decano da 5ª secção (direito e ciência política), Pedro Soares Martínez (11L), mestre e amigo, que improvisou uma tocante peça oratória, publicada pela *NOVA School of Business and Economics* com um inédito de Jacinto Nunes, que julgo ser o seu último escrito profissional<sup>24</sup>.

Ora cabia precisamente ao decano da 6ª secção, cuja morte em 14 de Julho passado a todos nos surpreendeu e consternou, responder a Pitta e Cunha. Em vez do antigo presidente da Classe, da Academia e do respetivo Instituto de Altos Estudos, cabe então ao sucessor de Pinto Barbosa, antigo presidente do Instituto, na cadeira 18L,

---

<sup>20</sup> A lista dos trabalhos disponíveis consta do anexo elaborado pela Dra Leonor Pinto. Agradeço às bibliotecárias e à secretária o apoio na elaboração deste trabalho. No IICT, a Dra Laura Domingues também ajudou.

<sup>21</sup> Título da mesa redonda debate in Jorge Braga de Macedo, org., *Jorge Borges de Macedo: Saber Continuar*, Lisboa: Instituto Diplomático, 2005, p.169 ss.

<sup>22</sup> Academia das Ciências de Lisboa, *Relatório de Atividades de 2013*, p. 22.

<sup>23</sup> Infelizmente esta substituição não foi comunicada aos serviços, pelo que no *Relatório de Atividades de 2013*, loc. cit não consta o nome do de quem falou.

<sup>24</sup> *NOVASBE Working Paper* nº 577 Dezembro 2013

responder ao novo decano da sua seção, aquele mesmo que pensava lhe iria responder...

Se responder fosse regar, o Paulo seria hoje o “arroseur arrosé” e eu o ajudante atrevido que leva nalgadas no primeiro filme dos irmãos Lumière, projetado em Paris há 120 anos. Mas estas inversões de papéis são parte integrante da nossa confraria: basta recordar que Pinto Barbosa respondeu a Teixeira Ribeiro quando, em 19 de Novembro de 1987, este fez o elogio histórico de Moses Bensabat Amzalak, antigo presidente e fundador do Instituto de Altos Estudos em 1931.

Ao saudar o recipiendário quero evocar a memória dos quatro confrades desaparecidos, dois do ISCEF, agora ISEG, um da Faculdade de Economia da Nova, agora NOVASBE, outro da Faculdade de Direito de Coimbra e agradecer mais uma vez ao confrade da Faculdade de Direito de Lisboa que há um ano me respondeu com tanto brilho e tanta generosidade.

Dos confrades desaparecidos, três eram meus amigos, o mais antigo era amigo do meu avô. Recordo, como se fosse hoje, a comoção que senti, quando Don Patinkin, em visita a Princeton no início dos anos 1980, sabendo que eu era português me perguntou pelo seu amigo Moisés, e pude responder invocar o avô, cujo número de sócio da Sociedade de Geografia ainda uso e cujo percurso profissional e político em favor da lusofonia global tanto marcou o meu próprio<sup>25</sup>.

Pinto Barbosa, economista e governante, foi aluno, colega e confrade de Amzalak e, tal como Teixeira Ribeiro, aí radicou a projeção internacional do ISCEF, ele que, depois do seu “exílio voluntário no estrangeiro” viria juntar-se a Alfredo de Sousa na Universidade Nova de Lisboa, para onde entrei em 1976, para criar uma *School of Business and Economics* internacional que, depois do Campo Grande e de Campolide, vai mudar-se para Cascais<sup>26</sup>.

Teixeira Ribeiro a quem, pouco depois da sua morte, dediquei a minha primeira comunicação nesta Academia, intitulada “Guerra, Impostos e Ouro: a herança do real”, por ter sido graças a ele que cultivei a história monetária portuguesa<sup>27</sup>. Quanto a Jacinto Nunes, sucessor de Pinto de Barbosa como presidente do Instituto de Altos Estudos e decano da 6ª seção, foi elogiado no último número da *Nova Cidadania*, designadamente porque o cidadão economista soube aproximar Pinto Barbosa e Silva

---

<sup>25</sup> Mencionei este aspecto ao apresentar um romance histórico sobre Serpa Pinto, “Ultimato e lusofonia global”, *Blogue de História Lusófona*, IICT, 10 Novembro 2014

<sup>26</sup> Cf a minha homenagem “Alfredo de Sousa: Economista constituinte”, publicada pela NOVASBE no 20º aniversário da sua morte, 3 Novembro 2014

<sup>27</sup> “War, taxes and gold: the inheritance of the real” (com Álvaro Ferreira da Silva e Rita Martins de Sousa), *NOVASBE Working Paper* nº 318, Março 1998 depois publicado em *Transferring Wealth & Power from the Old to the New World*, organizado por Michael Bordo e Roberto Cortes-Conde, Cambridge: Cambridge University Press, 2001, pp. 187-228

Lopes<sup>28</sup>. Este outro confrade da 6ª seção alinhou com projetos comuns como o de propor sócios correspondentes estrangeiros e estudar as percepções dos economistas depois da crise de 2008 juntando as duas classes e numa perspetiva lusófona. Nessas atividades participou também o ora recipiendário, até como forma de dinamizar a secção, como decidido à margem da assembleia geral da Sociedade de Desenvolvimento da Madeira no mesmo ano.

Por isso, ao saudar hoje o recipiendário sinto-me como o “arroseur arrosé” do primeiro filme dos irmãos Lumière, projetado em Paris há 120 anos. Respondo ao novo decano da minha seção, aquele mesmo que pensei me iria responder...

Mas aqui a realidade ultrapassa a ficção do regador, porque aprendi economia naquela casa com João Lumbrales e Sousa Franco<sup>29</sup>. Exprimi a minha gratidão ao regente no livro de estudos em sua honra e escrevi um artigo em memória do assistente, que foi sócio da 5ª secção, aquela cujo decano me elogiou<sup>30</sup>.

Ora Pitta e Cunha, advogado desde 1962 e jurisconsulto, entrou para a 5ª seção em 16 de Junho de 1977, dia em que o seu predecessor Moisés Amzalak abriu o famoso *Simpósio de Estudos Keynesianos*, seguindo-se Pedro Martínez a 23, Jacinto Nunes a 30, Silva Lopes a 7 de Julho, o próprio Pitta e Cunha a 14 de Julho e o encerramento por Pinto Barbosa a 4 de Novembro.

O então presidente da classe, Jacinto do Prado Coelho, servira de relator da proposta também assinada por Jacinto Nunes, que lhe viria a suceder na presidência. A proposta

---

<sup>28</sup> Como essa aproximação foi facilitada pela amizade com Cavaco Silva e Ramalho Eanes vem descrito em *Nova Cidadania*, nº 54, Outono Inverno 2014, pp. 51-56. A homenagem também inclui um testemunho do confrade Guilherme Oliveira Martins, pp. 57-58.

<sup>29</sup> Fiquei amigo de outro assistente da altura, Alberto Xavier, que me convidou, ainda antes de licenciado, para colaborador regular no suplemento “Economia e Finanças” do *Diário de Notícias* que dirigiu entre Março de 1971 e a entrada no governo no início de 1974, quando foi substituído por Freitas do Amaral. Por singular infelicidade não consegui contribuir para as quase 2600 páginas de estudos em homenagem a Alberto Xavier publicados pela Almedina em 2013. Aqui fica a gratidão pela amizade e a pena de não ter correspondido à insistência de Clotilde Palma, uma das organizadoras dos três volumes. No prefácio lê-se “Alberto Xavier, a par com Paulo de Pitta e Cunha, António de Sousa Franco e Diogo Freitas do Amaral, integrou uma corrente modernizadora e desenvolvimentista, que se organizou, em larga medida, em torno do suplemento de economia do Diário de Notícias e se prolongaria em organizações como a SEDES.” No Verão de 1975, quando receava não poder regressar à Faculdade após o serviço militar, como efetivamente se verificou, encontrei-o em São Paulo e aconselhou-me a ficar no Brasil, mas não encarei a deserção, como relato na homenagem ao recém-falecido o general Gabriel Espírito Santo, *Revista Militar*, nº 11 – Novembro 2014, pp. 1035-1036. O resto vem em notas a “Alfredo de Sousa: Economista constituinte”, cit.

<sup>30</sup> Respetivamente “Liberdades Futuras dos Portugueses”, *Estudos Jurídicos e Económicos em homenagem ao Professor João Lumbrales*, Edição da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, Coimbra Editora, pp. 305-344, 2000 e “Afinidades sustentadas”, *Expresso*, Secção Economia Suave, 26/6/2004.

junta uma “numerosíssima bibliografia” que atesta os “altíssimos méritos de economista” do jovem correspondente. Refere depois o doutoramento, *Expansão e Estabilidade – os dilemas da política macro económica*, 1972, um “grosso volume de 574 páginas” dizendo “Bastava este livro para o colocar na primeira linha dos economistas portugueses da segunda parte do século XX”. Continua salientando trabalhos na área fiscal e viagens ao estrangeiro nas quais “frequentou com utilidade os melhores economistas da atualidade”. Conclui que é “filho do nosso prezado confrade Dr. Paulo Veríssimo Cunha”<sup>31</sup>.

A passagem a efetivo por unanimidade dá-se em 25 de Maio de 1995, assinada pelo decano Pinto Barbosa, Jacinto Nunes, Mário Júlio de Almeida Costa, Justino Mendes de Almeida e Manuel Viegas Guerreiro, constando do processo as felicitações do presidente Pina Martins e pelo secretário geral Toscano Rico, bem como o envio do bilhete de identidade pelo secretário geral Mendes de Almeida e o diploma pelo secretário geral Armando Pombeiro.

A união de gerações e de secções que convergem nesta saudação tem um reflexo nítido nas 3365 páginas que são dedicadas às suas contribuições em assuntos europeus e integração económica (volume I), economia finanças públicas e direito fiscal (volume II), direito privado, direito público e vária (volume III), donde respigo testemunhos mais pessoais como os do maestro Alvaro Cassuto, aluno de seu pai, Fausto Quadros, seu aluno e colaborador no Conselho Fiscal da Sociedade de Desenvolvimento da Madeira, que salienta a descrença “em grande parte do percurso da integração europeia, sobretudo na componente política” (III, p. 797), Francisco Costa, Presidente da SDM que conta a história do Centro Internacional de Negócios da Madeira (III, pp. 801-810), Luciano Ravara, seu companheiro médico no Movimento Europeu, Marcelo Rebelo de Sousa, que com o singelo título “Gratidão”, discorre sobre o que a Faculdade de Direito de Lisboa lhe deve, deixando cair que “criar um corpo de seguidores ou fomentar uma Escola própria” não haverá “sido sua preocupação obsessiva” e que a morte de Sousa Franco o deixou “mais só, no pior ensejo” (III, pp. 863-4). Fernão Fernandes Thomaz, Luís Gallego e Pedro Alvim, amigos desde o Liceu Pedro Nunes (III, p. 799, 859, 945 respectivamente), concluindo este último o volume com a menção à “determinação férrea das suas convicções”. Os filhos: Tiago escreve em inglês a partir de Bruxelas sobre o canal da Mancha (I, p. 1289 ss), Paulo escreve sobre direito comercial e salienta o “exemplo de verticalidade e independência” do pai (III, p. 317 ss), Marta escreve em inglês sobre os riscos e benefícios da relação dos seus colegas com os meios de comunicação social (III, p. 885 ss).

---

<sup>31</sup> Nele delegou o voto nas eleições de 5 de Dezembro de 1979, conforme consta do seu processo individual. Ainda falta preencher a cadeira de seu pai, bem como a do seu avô materno, Pedro Pitta.

Curiosa gralha no título da minha contribuição no índice que aparece como “Centro Globalização e Governança” (II, p. 319 ss) em vez de “Saudades do bom aluno”, alusão à primeira comunicação a que assisti depois de eleito sócio intitulada “Saudades de Keynes”<sup>32</sup>. Esse Centro da NOVASBE, criado em 2008, tem norteado a minha investigação desde que passei pela OCDE entre 1999 e 2004, e graças, á associação com o Instituto de Investigação Científica Tropical e o Instituto de Altos Estudos da Academia, tem permitido dinamizar um projeto chamado carta á rainha lusófona, que difere da carta à Rainha de Inglaterra por incluir perspetivas da neurociência e refletir a lusofonia global, nele tendo participado vários confrades das duas classes, nacionais e estrangeiros, da Academia Real da Bélgica, incluindo ainda o economista brasileiro (de filiação académica belga) Renato Flores, que denuncia o euro-otimismo reinante em 2008 e afirma, peremptório: “A falta de atenção a vozes como a de Pitta e Cunha é, infelizmente, parcialmente responsável pelos problemas que a União hoje enfrenta” (I; 1192).

Mais do que um prazer, é um privilégio elogiar o primeiro professor daquilo que vim a ensinar toda a vida. Aquele que, por ocasião da reunião anual do FMI de 1971, me apresentou a Robert Triffin com quem primeiro estudei em Yale, onde me vim a doutorar, e que tentou mais tarde contratar-me para Lovaina para onde voltara. Aquele que, no quadro da Inteuropa, me entusiasmou nas questões europeias antes da adesão e, com Jacinto Nunes, acompanho ao longo de quase três décadas na Sociedade de Desenvolvimento da Madeira. Aquele que, em 1984, viria a indicar-me a Ernâni Lopes para vogal da Comissão de Reforma Fiscal, a que presidia, permitindo um regresso suave dos Estados Unidos, inicialmente em licença de Princeton: foi uma experiência única, mau grado o desacordo que tive com a rejeição da *flat tax*, que teria grandemente simplificado a administração fiscal. Sei que o Paulo ficou magoado com o meu voto de vencido mas foi uma questão de consciência. Como cantava então o californiano Bob Seger *I wish I didn't know know what I didn't know then...* Aquele que, contra ventos e marés, continuou a escrever sobre temas de economia monetária internacional e integração económica enquanto advogava e continuava a ensinar na Faculdade de Direito de Lisboa. Este **economista sem quartel** nunca deixou de participar nos debates da profissão nem desistiu de dar a conhecer a sua perspectiva. Para quem, além da mesma Faculdade, ensinou em seis outras, é admirável o homem duma escola só, que não desiste de dar a conhecer as suas posições sobre economia nacional, europeia e mundial.

Ao preparar esta saudação, muito aprendi sobre uma personalidade que julgava conhecer. Desde logo, pasme-se, a sua experiência no PPD em que passou de militante a simpatizante quando me aconteceu o inverso no PSD. Entre Janeiro de 1975 e

---

<sup>32</sup> Fui eleito há precisamente dez anos na reunião de efetivos de 27 de November 27, 1997. Na primeira em que participei, a de 12 de Fevereiro de 1998, Paulo de Pitta e Cunha apresentou um texto sobre o euro e o pacto de estabilidade.

Outubro de 1976 foi membro da Comissão de Relações Internacionais, que chegou a dirigir, e foi deputado constituinte em Junho e Julho de 1976<sup>33</sup>. Também consta do seu processo individual a ida ao 4º congresso da *International Economic Association* realizado em Budapeste, onde participou no grupo de trabalho de Raymond Barre, que viria a receber um doutoramento *honoris causa* pela Universidade de Lisboa. Ficaram célebres as atas, publicadas em 1976 por Fritz Machlup com o título *Economic integration : worldwide, regional, sectoral*, por incluírem um trabalho de Richard Cooper, então em Yale, sobre o tamanho óptimo da zona integrada que viria a inspirar as minhas aulas de integração económica na Universidade Católica Portuguesa, revisitadas 35 anos depois numa oportuna iniciativa da associação de antigos alunos.

Em Novembro de 1974 visita Luanda, em Maio de 1976 fala na SEDES sobre Portugal e a Europa, em Julho na sucursal da Fundação Friedrich Ebert e em Outubro na famosa conferência sobre a economia portuguesa em que, pela mão de Silva Lopes, desembarcou em Portugal o famoso grupo de estudantes de Rudiger Dornbusch, entre os quais estava o futuro prémio Nobel Paul Krugman, sócio correspondente estrangeiro proposto pela 6ª secção em 2009.

Termino com a recordação singela de um presente que me deu quando me veio visitar a Yale e nos começámos a tratar pelo primeiro nome. Trata-se do clássico *The Art of Central Banking* de R.G. Hawtrey, publicado em 1932, com a seguinte dedicatória de 15 de Novembro de 1978: “lembrando os velhos tempos da Faculdade de Direito de Lisboa e esperando que ela conte nos seus projetos de carreira.” Contou certamente, como depois contaram Yale, Luanda, Católica, Princeton e Sciences-Po, mas a sétima foi para ficar, *still Novie after all these years*. Felizmente, na 6ª secção, as escolas portuguesas vivem em harmonia. Nem podia ser de outro modo se pensarmos em quem nos precedeu: Afonso Costa, Ruy Ulrich e Pinto Barbosa na 38L, Moisés Amzalak e Teixeira Ribeiro na 33L. Paulo, não castigue o ajudante atrevido do “arroseur arrosé”!

Praia das Maças 24 de Novembro de 2014

---

<sup>33</sup> Na homenagem a Alfredo de Sousa, já citada, considerei-o o único constituinte doutorado em economia. Estritamente falando isso é exacto mas o doutoramento em ciências jurídico-económicas poderia ser trazido á colação. Na verdade, a colaboração de Pitta e Cunha foi em matéria de regimento mais do que de constituição económica.

## **José da Silva Lopes (1932-2015)**

### **Em memória do confrade relutante<sup>34</sup>**

Senhor Governador, Amigos e Familiares do Homenageado

Minhas Senhoras e meus Senhores

Cumpre-me agradecer a oportunidade de evocar a memória do Dr. José da Silva Lopes, confrade e amigo que nos deixou em Abril passado, vítima das consequências de uma queda frente ao Parlamento quando regressava da Academia das Ciências de Lisboa, onde apresentara uma comunicação a 13 de Novembro. Morreu escassas semanas depois de ser eleito sócio efetivo da 6ª seção (economia e finanças) da Classe de Letras, para onde entrara como sócio correspondente em Abril de 1976, sob proposta de Manuel Jacinto Nunes (1926-2014) - cuja cadeira iria ocupar. Soube pela filha, a quem dei a notícia.

Naquela comunicação sobre perspetivas a médio prazo da economia portuguesa, perante atónitos confrades de outras seções, mostrou-se agradavelmente surpreendido com a recuperação da atividade depois do severo ajustamento a que a economia nacional tinha sido sujeita.

Vi Silva Lopes pela última vez em 5 de Janeiro de 2015, no Pau e Canela na Praça das Flores, onde o filho o conduziu para almoçar com o “núcleo duro” do projeto da *Carta à Rainha Lusófona*. Tratava-se de ultimar com o confrade Rui Vilela Mendes da Classe de Ciências a preparação do workshop *Energy@CPLP*, no qual também iria intervir um confrade angolano ali presente. Por acaso, ou talvez não, lá estava noutra mesa João Cravinho, outro angolano de coração!

Em 2009, Silva Lopes empenhara-se no processo de escolha por todos os sócios da 6ª seção do sucessor de James Tobin (1918-2002) para correspondente estrangeiro, processo no qual os dois primeiros classificados foram Paul Krugman e Olivier Blanchard. Aliás foi ele que conseguiu persuadir os confrades a escolher dois doutorados pelo MIT. Desde 2008 que participara ativamente nas reuniões de seção dinamizadas pelo decano Jacinto Nunes, onde se pretendia adaptar a *Carta à Rainha de Inglaterra* escrita pela Academia Britânica a explicar a surpresa da crise de modo a incorporar a lusofonia e a neurociência, pelo que o núcleo duro incluía confrades quer de outros países da CPLP quer da Classe de Ciências (o que, escusado será lembrar, não acontece na Academia Britânica). Assim Silva Lopes aceitou também intervir no workshop organizado para 24 de Fevereiro, aproveitando nova visita do confrade angolano Manuel José Alves da Rocha.

Aliás, logo após a morte do decano Jacinto Nunes em 14 de Julho, os restantes sócios efetivos tinham proposto que Silva Lopes lhe sucedesse na cadeira 8, e ele aceitou, comovido. Escolho assim como fio condutor deste breve testemunho, afinidades eletivas que partilhava com eles, envolvendo os confrades António Manuel Pinto

---

<sup>34</sup> Texto apresentado na conferência em memória de Silva Lopes realizada no Banco de Portugal em 14 de Dezembro de 2015. Agradeço aos filhos e aos confrades do homenageado a ajuda recebida, bem como os esclarecimentos subsequentes por Dick Eckaus e João Cravinho.

Barbosa (1917-2006), a quem sucedi na cadeira 18, e Krugman, que em New Haven se iria tornar amigo da família – até hoje.

Devo esclarecer que, o nosso homenageado era tão relutante na primeira afinidade como, até 2008, fora a sua ligação à Academia, *ce qui n'est pas peu dire*.

Na verdade não é usual tão longo hiato entre as duas eleições académicas, sendo Jacinto Nunes exemplo de um dos mais curtos, já que tendo entrado em 1973 passou a efetivo dois anos depois. Havendo vagas, a prática aconselha uns anos para aferir da disponibilidade do novo confrade para se envolver nos trabalhos académicos, já que se considera perene o mérito científico ou cultural avaliado à data da eleição para sócio correspondente. Ao ponto de confrades se auto-proclamarem “imortais”, por exemplo na Academia Francesa.

Ora Silva Lopes participou logo em 1977 no *Simpósio de Estudos Keynesianos*<sup>35</sup> com o tema “Keynes e a demoneização do ouro”. Pinto Barbosa conclui o Simpósio tratando um tema próximo, “Keynes e o acordo de Bretton Woods”, conforme referi no elogio que pronunciei em finais de 2013 ao ser recebido na sua cadeira<sup>36</sup>.

Sustento que (mesmo antes da crise financeira global revelar a ligação institucional ao decano Jacinto Nunes), a ligação analítica não precisava de fio condutor, porquanto a sensibilidade monetária internacional era visível em ambos. Isto por causa duma consciência aguda de que as limitações da política económica na pequena economia aberta diferem fundamentalmente das que se aplicam á grande economia fechada da *Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda* “por causa das ligações perigosas entre défice público e défice externo” (Evidência no Anexo 1).

Nesse ponto, Jacinto Nunes, a quem António Pinto Barbosa filho chamou “visionário do problema orçamental” no livro de homenagem lançado na Biblioteca Almada Negreiros da minha Faculdade em Maio passado poderia ter uma sensibilidade menor do que a dos outros dois governadores (excertos no Anexo 2).

Ainda assim, ressalta uma sensibilidade comercial maior da parte de Silva Lopes, devida à sua experiência do Comércio Externo (efémero cargo que Vasco Gonçalves inventou para ele em 1975) ter marcado as suas negociações na OCDE, no GATT, na EFTA e depois na CEE, com forte influência recíproca no Embaixador Teixeira Guerra e no Ministro Correia de Oliveira.

Argumento na homenagem a Jacinto Nunes, que publiquei na revista *Nova Cidadania* do Inverno de 2014, conforme salientado pelos editores a p. 56: *Radico o*

---

<sup>35</sup> Organizado pelo Presidente Moses Benzabat Amzalak, ao lado de Pedro Soares Martínez, atual decano da 5ª seção (direito e ciência política), e dos seus três sucessores enquanto decanos da 6ª seção, sucessivamente António Manuel Pinto Barbosa, o próprio Jacinto Nunes e Paulo de Pitta e Cunha. Esta última conferência não consta do volume publicado em 1981 e ficou inédita até ser publicado no *Boletim da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa* volume XLII nº 1, pp. 59-61 um texto intitulado “A política económica dos anos 70: o que resta da mensagem de Keynes”, o qual foi “elaborado (a partir de apontamentos) posteriormente à edição do volume consagrado ao simpósio”. Agradeço ao decano este esclarecimento.

<sup>36</sup> A documentação foi publicada como *Working Paper* # 577 da *Nova School of Business and Economics* incluindo textos atinentes de Soares Martínez e de Jacinto Nunes (no que julgo ter sido o último escrito deste).



*reconhecimento público inequívoco e unânime do imenso valor do seu legado de que fala José Luís Cardoso<sup>37</sup> na capacidade cidadã do economista que soube jungir Pinto Barbosa e Silva Lopes.*

Admito que assim se irá magnificando a consciência de que a crise da Zona Euro é mais uma crise das balança de pagamentos do que das dívidas soberanas. Concluo aquele elogio cotejando a comunicação de 04/11/77 com a *Mundell-Fleming Lecture* que Krugman acabara de apresentar no FMI em 07/11/13, no quadro de uma conferência em honra a Stanley Fischer organizada por Blanchard, então economista chefe. Ora esta é exatamente a visão de Silva Lopes, que depois da crise se transformou numa ligação entre a Academia e o MIT, exuberantemente demonstrada no TriDoc *honoris causa* que Krugman recebeu em Fevereiro de 2012, durante o qual lhe foi entregue por Jacinto Nunes o diploma de sócio correspondente estrangeiro, me coube apresentar o “economista militante” e a Silva Lopes comentar a lição sobre os economistas e a crise<sup>38</sup>.

Volto então à crise despoletada pela falência da Lehman Brothers em 15 Setembro 2008, mês em que Jacinto Nunes concluiu as suas *Memórias Soltas*. A viúva ofereceu-me uma cópia, acrescentando que o marido não gostava muito do livro, escrito à pressa, por insistência de Silva Lopes. Aí recorro desde logo o Presidente Eanes, a quem antes de sair do governo Mota Pinto na primavera de 1979 apresentara Cavaco Silva enquanto responsável pelo Gabinete de Estudos do Banco de Portugal (*Memórias*, p. 117), acrescente-se que a convite de Silva Lopes.

Mais refiro as diligências para uma homenagem, que continuei com Cardoso e Silva Lopes numa reunião da 6ª seção, à qual também assistiu Jaime Reis, a qual continuaria a reflexão interdisciplinar sobre a crise financeira global, respeitando as pertenças Europeia e lusófona dos portugueses (Anexo 2).

A primeira colaboração entre Jacinto Nunes e Silva Lopes data do plano Marshall. Além da secção própria em *Memórias* (p. 23-30), esta é salientada no prefácio, onde Silva Lopes escreve que “o governo não terá percebido a princípio o que era o plano Marshall”, carregando assim o testemunho de Jacinto Nunes que salienta o desconhecimento dos efeitos e ainda mais o tratamento de Pinto Barbosa em várias comunicações<sup>39</sup>.

Acerca de Pinto Barbosa, Jacinto Nunes escreve que “Em Basileia, nas reuniões do Banco Internacional de Pagamentos, em que eu participava, perguntavam-me por ele e tive ocasião de frisar que não era uma situação agradável. O Director Geral do Banco escreve a Pinto Barbosa convidando-o para consultor do Banco onde esteve de 1975 a

---

<sup>37</sup> Vice decano da 6ª seção, outro membro do núcleo duro que me coube receber na cadeira de Armando Gonçalves Pereira.

<sup>38</sup> A primeira pergunta da audiência de uma Aula Magna à cunha veio de José Luís Cardoso...(nota anterior).

<sup>39</sup> Por todas, “Portuguese Economic Development in the presence of the Post-War Foreign Policies the US”, in *North American and Western European Economic Policies*, atas da conferência da International Economic Association de 1969 no Alvor, organizadas por Charles Kindleberger e Andrew Shonfield (Macmillan, 1971) e “O lado menos visível do Plano Marshall”, 1986

1978. Antes de eu sair do Banco de Portugal ainda tive a oportunidade de almoçar com ele em Basileia na última reunião em que participei”.

Aqui também intervém Silva Lopes no quadro das operações de financiamento à República que descreve em detalhe na sua entrevista de 2013 ao *Jornal de Negócios* de Helena Garrido e Anabela Mota Ribeiro, bem como outra, concedida à revista *Exame* em Dezembro de 2004, “em que deixou desfilar as suas memórias” aludindo designadamente à *crawling peg* de que era pai e Rudi Dornbusch mãe<sup>40</sup>.

Reitero “a capacidade cidadã do economista que soube jungir Pinto Barbosa e Silva Lopes”, muito para além de cargos que os três ocuparam, designadamente Ministro das Finanças e Governador do Banco de Portugal: em *Memórias*, o primeiro é citado em cada 2 páginas e o segundo em cada 4.

Mas há diferenças! Ao contrário de Pinto Barbosa e Jacinto Nunes, Silva Lopes foi deputado pelo PRD entre 1985 e 1987, presidente do Conselho Económico e Social entre 1996 e 2003.

Em 2003, o ISEG atribuiu-lhe o seu primeiro doutoramento 'honoris causa', por iniciativa de Beleza e Manuel Pinho, o que juntou o governador do Banco de Portugal, Vítor Constâncio, e quatro Presidentes da República, incluindo o atual. Também nesse ano, Silva Lopes concorre para a presidência do Montepio Geral, conforme abundantemente noticiado e como, valendo-me da conversa com Pedro Líbano Monteiro, colaborador e admirador dele, detalho no Anexo 4.

Nas quatro décadas de amizade com Silva Lopes cabe ainda a recensão no *Diário de Notícias* do trabalho sobre “As Consequências Económicas do 25 de Abril” que escrevera com Krugman a formalizar os efeitos desastrosos dos aumentos de salários no nível e composição da despesa (explicitados no Anexo 1), a experiência partilhada com o FMI e o Banco Mundial<sup>41</sup>.

Quando eu já era responsável pelo Centro de Socioeconomia do IICT<sup>42</sup>, convidou-me, por Pinho interposto, para colaborar na parte cambial do relatório de 1987 sobre Angola para adesão às instituições de Bretton Woods, e para uma missão á Guiné Bissau em 1986 que consolidou a minha vocação lusófona e me permitiu participar ativamente na criação da ELO em 1987, antes de rumar para a Comissão Europeia.

Termino com a interação no Conselho das Finanças Públicas a que presidi entre 1991 e 1993 e no Conselho para o Sistema Financeiro, que ele presidia desde 1989 por convite de Beleza, outro entrevistado do grupo do MIT que viria render no Terreiro do Paço.

---

<sup>40</sup> Ver comentário a este publicado em John Williamson (1981), editor *Exchange Rate Rules: The Theory, Performance and Prospects of the Crawling Peg*, London: MacMillan (pp.272-278). Retomei o tema num trabalho apresentado na conferência comemorativa dos 30 anos da conferência dita Gulbenkian, resumida no Anexo 1.

<sup>41</sup> Através de Jacinto Nunes, convidou-me a escrever “Políticas Anti-Inflacionistas no Processo de Ajustamento”, publicado no seu *Ajustamento e Crescimento na Actual Conjuntura Económica Mundial*, atas da conferência realizada no Estoril, de 6 a 19 de Janeiro de 1985, copatrocinado pelo Banco de Portugal e Fundo Monetário Internacional, que organizou.

<sup>42</sup> Graças a Alfredo de Sousa com quem Silva Lopes passara no Instituto de Ciências Sociais e Política Ultramarina sem porém tecer relações.

Tal como outros três, viria a ser governador do Banco de Portugal e está aqui presente. Malhas que Governo, Banco e Academia tecem aquém e além-mar...

#### **Anexo 4 Montepio:**

Assim *O Mirante* de Santarém publica em 30 de Outubro a seguinte notícia.

O conceituado economista José da Silva Lopes esteve na quinta-feira, 23 de Outubro, na Escola Superior de Gestão de Santarém (ESGS), a apresentar aos trabalhadores das agências bancárias do Montepio Geral (MG) no distrito o programa eleitoral de candidatura da lista A, que encabeça, à presidência do Conselho de Administração daquela instituição, as eleições realizam-se a 19 de Dezembro.

Com o lema “Continuar, consolidar, adaptar, desenvolver”, o ex-ministro das Finanças pretende dar continuidade e reforçar o trabalho da anterior administração, liderada por António Costa Leal, que também integra a lista como candidato à Mesa da Assembleia Geral. O padre Vítor Melícias está indigitado para liderar o Conselho Fiscal, enquanto Manuel Jacinto Nunes irá presidir ao Conselho Geral, em caso de vitória da lista A.

Silva Lopes aponta como prioritário caso seja eleito “o aumento do envolvimento dos associados com a Associação Mutualista”, uma instituição particular de solidariedade social. Um modelo de concessão de lares para a terceira idade, ligado à actividade de seguros, pensões complementares de segurança social e novas modalidades, na área da saúde, são projectos a desenvolver. “Na vertente de caixa económica, vamos reforçar a gestão dos clientes, o controlo de riscos e apostar na maior coordenação das várias entidades do grupo MG”, afirmou.

O economista confia na consolidação e crescimento do MG, socorrendo-se dos dados referentes à evolução do banco, nos últimos 13 anos. “O melhor indicador de confiança no futuro são os 5,6 por cento de quota de mercado do MG, face aos 2,4 por cento registados em 1990”, salientou.

Em cerca de 13 anos, o MG passou de 19 mil para cerca de 250 mil associados, sendo a maior associação mutualista do país. O banco possui 300 balcões espalhados pelo país, em vez dos 37 de 1990, e o número de empregados ascende a 2900, o triplo de há treze anos.

Caso seja eleito, Silva Lopes refere que é natural que reduza a sua participação pública em debates sobre economia e política, mas não deixará de dar a sua opinião quando o justifique.

Vale a pena a esse respeito fazer referência à opinião de Pedro Líbano Monteiro que se recorda com nitidez de uma reunião de quadros à qual assistiu como consultor da Roland Berger na qual o PCA apresentara um plano para incentivar os depositantes à

ordem a passaram a ser depositantes a prazo. Perante a pergunta se estavam de acordo, só o consultor sugeriu que isso prejudicaria a rendibilidade, o que, depois de demonstrado como recurso á lei de Pareto, lhe valeu um emprego do qual guarda as melhores recordações. Testemunhou ainda um grande interesse pelo terceiro setor, o que obrigou a desenvolver uma métrica própria para entidades não lucrativas<sup>43</sup>.

NOTA: Nos anexos anteriores são reproduzidos excertos dos seguintes textos:

1. "Economic advice and regime change in Portugal", *Challenges Ahead for the Portuguese Economy*, 2008 pp. 201-206, que apresentei na última sessão da conferência organizada por Silva Lopes e Miguel Beleza para comemorar o 30º aniversário da Conferência da Gulbenkian, onde contracenei com Paul Krugman, conforme acordado com Francesco Franco, que depois organizou o volume. O texto foi desgravado e revisto durante uma breve estadia no Ricci Institute da University of San Francisco, depois de ter conseguido que Paul Krugman, durante outra breve estadia, esta em Princeton, validasse a versão escrita da comunicação dele. '
2. *Writing to Queens while crises proceed, expanded edition in memory of Manuel Jacinto Nunes*, 2015, pp. 11-12, 33.
3. "Antonio Manuel Pinto Barbosa, Economista e Governante", *Working Paper # 577 da Nova School of Business and Economics*, 2013, pp. 5-6, que apresentei ao ser recebido na cadeira dele em 24 de Novembro.

Podem ser consultados em <http://www.jbmacedo/papers/bdpsilvalopes.pdf>

---

<sup>43</sup> Recordava ainda uma reação forte em 2005 perante o Governador Constâncio relativa à falta de liquidez no Montepio, a quem terá ameaçado "entregar a chave do banco" e salienta a seriedade intelectual de Silva Lopes mesmo no que toca á nacionalização da banca por causa de rumores sobre uma iminente corrida aos depósitos.

## **Jean-Pierre Contzen (1935-2015)**

### **Sábio global, militante europeu, combatente belga, nosso confrade**

Senhor Presidente, Eminentíssimos Confrades, Minhas Senhoras e meus Senhores

Cumpre-me evocar a memória do nosso confrade Jean-Pierre Contzen. Sábio global, militante europeu, combatente belga, morreu aos 80 anos no passado dia 27 de Outubro, em São Petersburgo. Foi vítima de ataque cardíaco quando presidia a uma reunião da fundação científica russa NIERSC (*Nansen International Environmental and Remote Sensing Centre*). Engenheiro e físico nuclear, dirigente na Comissão Europeia, passou pela Universidade das Nações Unidas e entrou no conselho executivo do *Von Karman Institute for Fluid Dynamics* em Rhode-St Genèse nos arredores de Bruxelas em 1995, tornando-se presidente em 2005. Recordo um jantar em 6 de Fevereiro, na mesma localidade de Rhode-St Genèse, onde Antonio Maria Costa, italiano que me contratou para a DG ECFIN, mora vai para trinta anos com sua mulher americana. Convidara outro antigo colega inglês da Comissão e sua mulher russa. Como estava só, os dois únicos convivas da mesma nacionalidade eram Jean-Pierre e sua mulher Arlette...

Além de global, europeu e belga francófono - ou talvez por causa disso – Jean-Pierre Contzen era amigo de Mariano Gago. No Despacho n.º 23931/2009, este concede-lhe a medalha de mérito científico (ouro) do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior pelo contributo excecional que prestou ao desenvolvimento científico nacional “enquanto professor catedrático convidado do IST e conselheiro especial do Governo Português, na área da ciência e da tecnologia, durante as presidências portuguesas do Conselho da União Europeia em 2000 e em 2008”. E continuou a investigar no IN+/IST, colaborando com Manuel Heitor, Secretário de Estado Adjunto do MCTES - que acaba de ser nomeado Ministro.

Conhecendo embora o lisboeta há mais tempo do que o bruxelense, a minha memória deles funde-se com vinte dos meus anos no Instituto de Investigação Científica Tropical. Nomeado presidente em 1 de Dezembro de 2003, quando ainda estava na OCDE, obtive grande apoio da FCT. Além de atribuir várias bolsas para tratar de Coleções Históricas e Científicas (CH&C) abandonadas, o presidente Fernando Ramoa Ribeiro deixou que a Dra. Isabel Rosa viesse ajudar-me no IICT. Melhor do que ninguém, ela compreenderá a minha escolha de juntar Jean-Pierre e Mariano nesta breve evocação. Foi ela que organizou o nosso primeiro encontro em Bruxelas, à margem da *Annual Bank Conference on Development Economics* (ABCDE) Europeia de 2004, e me enviou o obituário do *Público* que, ainda antes de chegar à conferência da Academia Real da Bélgica (ARB) dedicada a “Quelle Europe en 2050?”, reencaminhei para familiares, confrades e amigos em Bruxelas.

Sócio correspondente estrangeiro da Classe de Ciências, no espírito interdisciplinar que o caracterizava, muito colaborou com a Classe de Letras e particularmente a seção de economia e finanças no projeto dito da *Carta à Rainha Lusófona*. Ainda em 25 de Fevereiro o viramos neste Salão Nobre a comentar um trabalho do economista angolano Manuel Alves da Rocha, sócio correspondente estrangeiro da Classe de Letras, na *Workshop Energy@CPLP*, organizada com o confrade Rui Vilela Mendes. Em 1996, enquanto presidente do grupo de trabalho internacional para a avaliação dos

Laboratórios de Estado constituído pelo Ministro da Ciência e Tecnologia, Contzen avaliara negativamente o IICT. Enquanto diretor do Centro de Sócioeconomia (CSE, onde chegara em 1986 por proposta de Alfredo de Sousa, reitor visionário da NOVA que me pediram para elogiar no 20º aniversário da sua morte) fui chamado a comentar a proposta de reestruturação decorrente dessa avaliação. Afinal não era para avançar e a minha relação com Mariano definiu-se no virar do século, quando ele frequentava a OCDE. Nenhum de nós imaginava que, em 2005, com a Dra Isabel Rosa de novo no gabinete do Ministro Gago, Contzen também voltaria à função e avaliaria positivamente o IICT. Por ocasião do 125º aniversário, lembrou isso no Palácio Burnay, ao lado da sua Arlette e de Manuel Heitor, que abraçou a herança de Gago e lhe veio a suceder no MCTES.

Refiro mais uma afinidade eletiva, resumindo uma notícia do IICT de 18 de Março de 2009, acerca do lançamento na sala das sessões do livro *Nove Ensaios na Tradição de Jorge Borges de Macedo*, tendo os confrades Aires de Barros e Dias Farinha feito o elogio após entregar o diploma e as insígnias ao recém eleito académico Jean-Pierre Contzen. Este “expressou a gratidão que sente pela sua eleição, considerando-a o resultado da longa relação de amizade que tem mantido com Portugal; lembrou a sua vinda em 1984, quando o país negociava a sua pré-adesão à Comunidade Europeia e salientou a importância das academias das ciências na promoção da investigação interdisciplinar. Braga de Macedo elogiou o novo confrade e disse que quando o conheceu em Bruxelas há cinco anos intuiu que ele gostava de Portugal mesmo sem ter a certeza de que nos conhecia, agora acha que ele conhece Portugal, e continua a gostar de nós!” Adriano Moreira, Artur Anselmo, Rosado Fernandes, Ilídio do Amaral, Soares Martinez e Almeida Costa também se pronunciaram sobre a vida e obra do historiador e pedagogo. Dizendo-me “desvanecido” com os testemunhos, lembrei que devia o adjetivo ao pai Pinto Barbosa (1917-2006), académico cuja cadeira ocupo desde 2013. “A seguir, CG&G e IICT ofereceram um cocktail ajantarado tendo a TVI24 feito uma reportagem sobre o acontecimento. A festa acabou ao princípio da noite....”

Estes excertos, transcritos com emoção, confirmam que, além de avaliador, Contzen passou a grande esteio do IICT. No colóquio internacional *Ciência nos Trópicos: olhares sobre o passado, perspectivas de futuro*, realizado no Arquivo Histórico Ultramarino (AHU) de 5 a 7 de Janeiro de 2012, logo a seguir à mudança de tutela para o Ministério dos Negócios Estrangeiros, Contzen proferiu a alocução inaugural “Os Objetivos de Desenvolvimento do Milénio depois de 2015” e apresentou em francês o livro sobre *Ética, Crise e Sociedade* co-editado por Michel Renaud, outro confrade belga. Contzen fazia parte do Conselho Científico do colóquio com Rui Malhó, confrade biólogo que contribuiu para a 1ª edição de *Writing to Queens while Crises Proceed*, publicada juntamente com as atas. Também aceitou que se reproduzissem sumários de apresentações relativas ao projeto da *Carta à Rainha Lusófona* como “Science and Society, Successes and Failures of the couple, Between Prometheus and Cassandra” e “The ARB report on *The Deindustrialization of Europe*”.

Vale a pena recordar alguns aspetos da renovação do IICT, adaptando o prefácio de *131 anos em imagem*, a sua última publicação: Assim, CPLP e ELO foram membros fundadores dos órgãos externos criados na Lei Orgânica de 2003. Esta abertura económica e internacional prenunciava a

aproximação à universidade sugerida por Contzen no Relatório solicitado no inverno de 2012 por Luís Brites Pereira, Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação, para corresponder à vontade do Ministério de “repensar o projecto do IICT e criar um Arquivo Histórico unificado”. Estando nessa altura pronto a regressar à Faculdade, fui aguardando a abertura do concurso para a minha sucessão. Porém, ao longo de dois anos e meio de aproximação gradual à NOVA e à ULisboa, esta revelou mais apetência do que aquela – embora docentes e dirigentes de ambas tenham ajudado Contzen a avaliar os investigadores de maneira a preservar o saber tropical com um orçamento de pouco mais de metade. Ainda assim, vínculos e prédios pesaram mais e as atribuições do AHU passaram a ser prosseguidas dentro da Direção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas.

Conforme expresso na última reunião da Direção do IICT em 30 de Julho, o Decreto-Lei de fusão deixa margem às instituições sucessoras para acordarem uma gestão integrada das CH&C. No acompanhamento deste penoso processo, tentei preservar os valores que me nortearam no CSE e depois na Presidência do IICT. Na hora da despedida, lembrei os anos em que a tutela do IICT foi exercida pelo Ministro da C&T com a avaliação constante de Contzen e reproduzi um excerto do depoimento “Conversa Interrompida” que enviei para <http://www.marianogago.org> e vem reproduzido no anexo 2 de “História e Saber Tropical: Memória de Gago para além das suas políticas”, *INOVA Working Paper* nº 595, Agosto 2015, p. 26: “Durante mais de um lustro, pude apreciar o genuíno interesse que tinha pelo saber tropical e pelas coleções históricas e científicas que o sustentam. Acompanhou com carinho as atividades do projeto “Jorge Borges de Macedo: Saber Continuar” e revelou-se leitor atento da *História Diplomática Portuguesa Constantes e Linhas de Força* que reeditei em 2006. Deu ao IICT a representação portuguesa no *Consultative*

*Group for International Agricultural Research* sediado em Washington e a promoção da plataforma africana do *Global Monitoring for Environment and Security* europeu, dita GMES Africa”.

Por ocasião do já referido colóquio sobre *Ciência nos Trópicos*, Mariano veio ter com Jean-Pierre ao AHU e a fotografia dos três está em loc. cit. Nas palavras de abertura, eu próprio especulava sobre o futuro: “aquilo a que Contzen chamou IICT 2.0 poderia apresentar-se por ocasião dos 130 anos da criação da Comissão de Cartografia: ao contrário de todos os outros Laboratórios de Estado, o IICT desenvolve a sua actividade para o exterior e não num âmbito nacional, o que explica a sua integração no MNE. Justifica-se, também, a necessidade do desenvolvimento de investigação ao mais alto nível em parceria com universidades de excelência no saber tropical.”

Assim desejo que aconteça na ULisboa e na NOVA, por exemplo através do TropiKMan Ph.D. doutoramento em *Saber e Gestão Tropical* com início no mês que vem.

No plenário de efetivos da Classe de Letras de 23 de Abril passado, manifestei pesar pela morte súbita de Mariano Gago uns dias antes e reconhecimento, partilhado por vários confrades, pelo muito que a Academia lhe devia. Isso mesmo consta do depoimento “Conversa Interrompida”, reproduzido em anexo a “Mariano Gago, Damião de Góis e Borges de Macedo”, *Nova Cidadania*, nº 57, pp. 71-73 (onde se reproduzem duas seções e um anexo do citado WP). Aí escrevo, logo no início: “Tão fluido era o humanismo português e universal dele que me ocorreu um título lacónico

como ‘Gago glocal’ , que também aplicaria a Jean-Pierre Contzen, dirigente histórico da Comissão Europeia, nosso confrade e amigo.” (NC, p. 67).

Posso acrescentar, nessa linha, a minha crença de que Contzen permaneceu conselheiro científico nas Laranjeiras até à morte por causa do IICT. Como refiro no *Working Paper* (p. 22), “acompanhar o belga glocal relativamente à importância do Saber Tropical Knowledge” nem Alexandre Quintanilha, que gosta de salientar a sua naturalidade moçambicana, foi capaz!

Também aludo a uma certa perplexidade que causou a Jean-Pierre a colaboração de Mariano com a Academia flamenga (com a mesma morada mas abreviada em KVAB e não ARB, NC, p. 72 nota 2 e WP, pag 12, nota 39 onde também refiro o Conselho dos Laboratórios Associados).

Julgo que aflorou aí o amor à francofonia do poliglota belga que brindou os dois confrades portugueses da Classe Tecnologia e Sociedade da ARB com uma inesquecível visita guiada ao campo de batalha de Waterloo, onde combatera um antepassado materno dele.

Ouvi Mariano pela última vez neste Salão Nobre em 19 de Fevereiro, quando fez um discurso corajoso de homenagem a Manuel Abreu Faro, antigo mestre que muito o ajudou. Vi Jean-Pierre pela última vez em 22 de Outubro, numa Biblioteca do Grémio Literário completamente cheia, onde fez uma palestra sobre “Mariano Gago e a Europa”. Aí o duplo confrade Arantes e Oliveira recordou que, em 1986, convidara Mariano para presidir à JNICT.

Queria entregar a Jean-Pierre duas cópias da 2ª edição de *Writing to Queens*, em memória de Manuel Jacinto Nunes, onde ele redigira o capítulo 9 “Fossil fuels in the CPLP. Which Future?” (pp. 103-112). Combinamos que faria a entrega na semana seguinte durante a citada conferência sobre o futuro da Europa. Enviei-lhe a minha apresentação para comentários dias antes de saber da sua morte por Manuel Heitor, vizinho e amigo que, no velório me apresentara à viúva. Lá estavam em 20 de Novembro na conferência do Pavilhão do Conhecimento, sem Contzen, que devia presidir à primeira sessão.

A concluir repetirei como foi evocado no colóquio sobre o futuro da Europa. Primeiro, Jean Jacques Dordain, antigo responsável da Agência Espacial Europeia que também interveio no Pavilhão do Conhecimento, referiu-se ao seu saber em termos oceânicos que muito me interpelaram.

Antes de iniciar a apresentação da sessão que devia moderar também eu lembrei Jean-Pierre: “*un savant, un militant, un combatant*”. Como Mariano, afinal – e em francês!

26 de Novembro de 2015



### Gabriel Espírito Santo (1935-2014)<sup>44</sup>

Chamam-lhes “anos definidores” na história das nações onde substituem com vantagem o termo mais vulgar de “revolução”, sempre preso a uma descontinuidade exagerada na cabeça dos revolucionários. Do mesmo modo, mas em tempo diverso, contam-se “momentos definidores” na vida das pessoas, por referência ou não a alterações súbitas na sua circunstância.

Foi assim que, na tarde de 25 de abril de 1974, o General Espírito Santo proporcionou, no Estado-Maior do Exército, onde eu prestava serviço como aspirante, um momento definidor da minha vida.

O horário era das treze às dezanove e lá estava naquele dia, tendo tomado o eléctrico direto da rua primeiro de maio até santa Apolónia. No gabinete onde trabalhava, além dos Majores Gomes dos Santos e Vicente (citando os nomes de memória), estava o chefe, Tenente-Coronel Espírito Santo, e o capitão Barros, que eu não conhecia. Este pretendia saber quem era a favor da revolução e começou por mim. Logo atalhou o chefe: “então pergunta a um miliciano? Ele não sabe!” mas o capitão insistiu: “a favor ou contra?” e eu, tendo tido aqueles segundos para refletir, respondi convicto: “a favor”.

Naqueles dias de brasa, toda a família estava efusiva com duas exceções cautelosas, meu pai, historiador, e a avó de minha mulher, que se lembrava das revoluções dos anos 1920. O próprio tenente-coronel me dizia uns dias depois que estava a ver foices e martelos a mais nas ruas mas que tudo iria correr bem. Fui mobilizado para a Região Militar de Angola em Luanda pouco depois e, tendo votado nas primeiras legislativas, por sinal também na presença do capitão Barros, enquanto estava colocado no Estado Maior das Forças Armadas em Angola, Fortaleza de São Miguel, chega um pedido de requisição para a 2ª Repartição do EMGFA, onde estava o Coronel Espírito Santo. Estava na altura envolvido com a reestruturação do Curso Superior de Economia e tinha o curso a meio, não fui capaz de interromper, o que muito surpreendeu o meu comandante, Coronel Carretas. No Verão, fui o primeiro a assinar o chamado Documento dos Nove, porque ia de licença para o Brasil, onde estava já minha mulher. Todos me diziam para desertar, mas também não fui capaz e terminei a comissão em Outubro.

Voltei a conviver com o meu antigo chefe em Bruxelas, quando era representante militar na NATO e eu diretor das economias nacionais na Comissão Europeia. Com as suas tarefas na *Revista Militar* surgiram outras oportunidades, através da Academia das Ciências de Lisboa. Assim quando lançou o seu último livro *Da arte da guerra à arte militar*, voltamos a encontrar-nos no Instituto de Estudos Superiores Militares,

---

<sup>44</sup> *Revista Militar* nº 2554, Novembro, pp. 1035-6 com o título “o meu tenente-coronel de abril”

onde desde o tempo do General Pinto Ramalho ia todos os anos dar uma aula no curso de estudos africanos. Aqui está o livro, dedicado ao casal “com elevada estima” em 3 de fevereiro de 2014, quarenta anos e umas semanas depois de ter feito o último juramento de bandeira do regime anterior.

Soube da sua morte súbita por Alexandre Patrício Gouveia mas não pudemos ir ao enterro. Reencaminhou-me a mensagem do General Pinto Ramalho sobre a missa de 7º dia e lá estava no Centro Social Paroquial de Oeiras antes das onze horas, mas não era ali, era em Nova Oeiras, disseram-me, chega lá num instante. Só que também não era aí mas o padre tinha ideia que seria nos militares, onde cheguei passado o meia-dia e encontrei o General Pinto Ramalho a sair. Generoso, como sempre, levou-me à viúva. Eu sorri ao dar-lhe os pêsames porque tinha sido capaz de ser fiel aquele momento definidor! Estavam também os dois filhos e o General Pinto Ramalho a quem prometi escrever uma breve homenagem para a *Revista*. Com este “sol nulo dos dias vãos, cheios de lida e de calma” de que fala Fernando Pessoa, imploro: “senhor já que a dor é nossa/ e a fraqueza que ela tem/ dá-nos ao menos a força/ de a não mostrar a ninguém”. Por mim, não fui capaz de fazer outra coisa antes de escrever isto.

Praia das Mações, 23 de outubro de 2014

Pagela inspirada na capa de *Open economy dynamics: selected papers by Pentti Kouri*, que organizei com Urho Lempinen, Helsinki: Taloustieto, 2011, 400 pp da autoria da minha filha Ana







# IN REMEMBRANCE OF PENTTI KOURI

JORGE BRAGA DE MACEDO  
AND URHO LEMPINEN  
VISIT OULU CEMETERY  
ON THE 3RD ANNIVERSARY  
OF THEIR MENTOR'S PASSING.  
ILLUSTRATION BY ANA DE MACEDO

*For this Economist "possessing works of art was no longer an end in itself – the raison d'être of his collecting became his contact with art on a very personal level."*

*quoting the introduction to the Kouri Collection in Kiasma*

*Use (less) value and MDGs dedicated to  
Marjatta Huuhtanen USELESS, Lisbon*

Babel, 2011 p.191-210

## **Pentti Kouri dies**

Pentti Kouri (1949-2009) died in Los Angeles on 22 January, three weeks before his 60<sup>th</sup> birthday on 12 February. His mother, brothers and sister as well as Elly, his former wife, were by his bedside. As he did not discuss his health condition, even with close friends, the news came as an even greater shock to them. I learned it through Urho Lempinen, a common friend who read about it in the Finnish press. Upon learning the bad news, I immediately tried to contact Roman Frydman who was himself about to call me.

We discussed how to pay tribute to our dear friend and mentor as I offered to follow up on my last conversation with Pentti when he invited me to spend a week end in Long Island in the Summer of 2005. At that time Pentti was thinking about collecting his papers and, as his former student and research assistant, I encouraged him to follow through. Sadly we did not manage to make any advance on this but Roman received a few months ago a folder with some of the material so that there is start. During that magic weekend we also planned on a trip to Portugal where he could speak in memory of my father, and tried to meet in Paris, where my daughter was studying, but the conference was postponed. I was unable to attend his son's wedding so we never met again. I gave the bad news to other common friends from the Yale days and made a note on my website.

In paying tribute to a great economist, a man of heart and a dear friend of the extended family, I am only returning a little of what he gave me and all of those who interacted with him. I share a moving recollection:

"The positive aspect is that last October Pentti's reputation, which had suffered to a certain degree here in Finland due to some of his business transactions, was re-established to the extent that Pentti apparently was moved to tears. His large, precious and very high quality modern arts collection, which he had lost to Postipankki as collateral for his company's un-paid loans, and which Postipankki later donated to the Finnish Museum of Modern Arts Kiasma, was officially named as the Pentti Kouri Collection in a ceremony in which Pentti was the guest of honour and gave a gracious speech. After the event Pentti is said to have told to some of his friends that now he can return to Finland".

Lisbon, 26 January 2009

# INOVA



**Nova School of Business and Economics**

Faculdade de Economia  
Universidade Nova de Lisboa  
Campus de Campolide  
1099-032 Lisboa PORTUGAL  
Tel.: +351 213 801 600

**[www.novasbe.pt](http://www.novasbe.pt)**